

**LUANA MONÇORES DE LIMA**

**VIVA FAVELA E OBSERVATÓRIO DE FAVELAS:  
A INTERNET COMO ESTRATÉGIA DE AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

**ECO/UFRJ  
2005**

**VIVA FAVELA E OBSERVATÓRIO DE FAVELAS:  
A INTERNET COMO ESTRATÉGIA DE AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

**LUANA MONÇORES DE LIMA**

Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Escola de Comunicação Social, Graduação  
em Comunicação Social, Habilitação em  
Jornalismo.

Orientadora: **Ilana Strozenberg**  
**Doutora em Comunicação**

Rio de Janeiro  
**2005**

VIVA FAVELA E OBSERVATÓRIO DE FAVELAS:  
A INTERNET COMO ESTRATÉGIA DE AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

LUANA MONÇORES DE LIMA

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação (ECO), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, Habilitação em jornalismo.

**Aprovado por**

\_\_\_\_\_ - Orientadora

Professora **Ilana Strozenberg**  
**Doutora em Comunicação e Cultura**  
**ECO/UFRJ**

\_\_\_\_\_

**Professora Maria Helena Junqueira**  
**Doutora em Comunicação e Cultura**  
**ECO/UFRJ**

\_\_\_\_\_

**Professora Priscila Kuperman**  
**Doutora em Comunicação e Cultura**  
**ECO/UFRJ**

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela proteção e bênçãos concedidas até aqui e ao mestre Mokiti Okada pelos inúmeros ensinamentos para a vida, dos quais me utilizei diversas vezes durante o período de graduação.

Agradeço a minha família e aos meus amigos queridos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação. O amor e o apoio que me deram foram essenciais nessa trajetória.

Agradeço também aos docentes desta Escola pelo trabalho e formação acadêmica, especialmente a amiga e professora Ilana Strozenberg pelas orientações, pelo conhecimento e pelo carinho durante toda a faculdade.

A todos a minha eterna gratidão.

LIMA, Luana Monçores de. Viva Favela e Observatório de Favelas: a Internet como estratégia de ação dos movimentos sociais. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Monografia (Graduação em Jornalismo).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar o Portal Viva Favela e o *site* Observatório de Favelas, que são duas iniciativas de comunicação que produzem informações jornalísticas sobre favelas do Rio de Janeiro. São apoiados por ONGs conhecidas, e se diferenciam das mídias tradicionais publicando informações sob a ótica dos moradores das próprias comunidades em que atuam. Assim, conseguem andar na contramão da imprensa nacional, oferecendo ao público a imagem de uma favela diferente, sem os estereótipos da violência e da pobreza.

## **Lista de Anexos**

**ANEXO 1** – Entrevista (compilação) com Cristiane Ramalho e Tetê Oliveira sobre o Viva Favela, realizada por Ilana Strozenberg e Thereza Cristina França Corrêa, 2003.

**ANEXO 2** – Entrevista (compilação) com Oscar Valporto sobre a criação do portal Viva Favela, 2004.

**ANEXO 3** – Página inicial e matérias do portal Viva Favela.

**ANEXO 4** – Página inicial, matérias e artigos do *site* Observatório de Favelas.

## **SUMÁRIO**

Resumo .....	3
Lista de Anexos .....	5
<b>1</b> Introdução .....	6
<b>2</b> Panorama das favelas cariocas .....	9
<b>2.1</b> Viva Rio – Um breve perfil da ONG carioca .....	11
<b>2.1.2</b> WWW.VIVAFAVELA.COM.BR - um jornalismo diferente .....	13
<b>2.2</b> CEASM – o movimento social da comunidade para a comunidade .....	17
<b>2.2.1</b> WWW.OBSERVATORIODEFAVELAS.ORG.BR: os universitários e suas redes de informação .....	19
<b>3</b> A Internet como aliada: as redes de informações sobre favelas .....	22
<b>3.1</b> A rede nos movimentos sociais .....	23
<b>3.2</b> Cultura Global e Cultura Local .....	38
<b>4</b> Jornalismo <i>online</i> e favelas .....	44
<b>5</b> Conclusão .....	49
Referências bibliográficas .....	50

## 1 - INTRODUÇÃO

O tema desta monografia surgiu quando ainda era aluna bolsista do CNPq (2003), integrante do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da Escola de Comunicação da UFRJ. Durante um bom tempo, dediquei minha pesquisa<sup>1</sup> a investigar alguns dos principais elementos que compõem o Portal Viva Favela, que pertence à Organização Não-Governamental Viva Rio. O objetivo central era discutir a especificidade deste trabalho jornalístico e sua importância para as comunidades de baixa renda que estão diretamente envolvidas na realização do projeto. Decidi, então, no meu trabalho de conclusão do curso de jornalismo, ampliar a pesquisa que já havia realizado, e inserir novos objetos de estudo para fins de uma análise comparativa.

Este trabalho tem por objetivo fazer um estudo sobre o *site* Observatório de Favelas e o Portal Viva Favela, duas experiências práticas de produção de informações sobre favelas no estado do Rio de Janeiro, especialmente a capital, no sentido de discutir a utilidade de iniciativas de comunicação como estas, que pretendem colaborar para um processo de democratização de informações, quebra de preconceitos e estereótipos sociais que carregam as favelas.

O Observatório de Favelas e o portal Viva Favela possuem muitas diferenças em suas propostas e formas de construção, mas ambos se situam no interior de uma luta pela inserção social e pela possibilidade de expressão midiática da fala dos próprios moradores das comunidades de baixa renda, conferindo-lhes a possibilidade de serem sujeitos e não meros objetos do discurso. Com isso, estariam estabelecendo novas estratégias de inserção, social e cultural, na grande mídia, seja através da divulgação dos conteúdos por eles produzidos nos próprios sites na Internet, ou pautando a grande mídia. Esta, inclusive, mais recentemente, assustada pelo risco de exposição à violência nas favelas, sobretudo após o assassinato de Tim Lopes<sup>2</sup> não tem, muitas das vezes, permitido a entrada de seus profissionais nestes espaços para fazer a cobertura jornalística dos acontecimentos ali ocorridos.

---

<sup>1</sup> O nome da pesquisa é “Processos de Transculturação”, sob a orientação das professoras Heloísa Buarque de Hollanda e Ilana Strozenberg.

<sup>2</sup> Tim Lopes era repórter investigativo da TV Globo, e foi brutalmente assassinado por traficantes, quando fazia, ocultamente, uma reportagem em um morro da zona norte carioca, no ano de 2002.



Podemos perceber, através de uma leitura da grande imprensa, que a favela e seus moradores aparecem constantemente nas pautas sob a ótica da violência, sejam eles as vítimas ou os supostos culpados de diversos crimes. A hipótese desse trabalho é que este olhar é resultante de uma cultura marcada por estereótipos, e de repetições incessantes do mesmo discurso preconceituoso, que ainda persiste nas redações dos grandes jornais.

É neste cenário, que surge a necessidade de se criarem novas mídias de comunicação que possam, de fato, mudar, um pouco que seja, toda esta imagem construída negativamente. É o caso destas duas páginas eletrônicas que analiso neste trabalho. Elas adotaram como estratégia inverter a lógica da interlocução midiática, privilegiando o olhar da favela sobre ela mesma.

O Portal Viva Favela foi criada pela famosa ONG Viva Rio, que também lhe dá suporte para seu desenvolvimento e sustentação. Entrou no ar em julho de 2001, e abriga outros *sites* também voltados para as comunidades. Seu grande destaque é a Revista eletrônica semanal Comunidade Viva, que traz sempre reportagens sobre as favelas do Rio de Janeiro. Há também um espaço de memória das comunidades e colunistas, que semanalmente expõem suas opiniões.

Além de jornalistas e fotojornalistas formados, existem também os correspondentes comunitários, que são o grande diferencial desta mídia de comunicação. Situados em várias favelas do Rio de Janeiro, eles reportam a notícia segundo o olhar do morador. Todo o processo jornalístico é realizado em conjunto com os correspondentes, que da apuração à edição são assessorados pelos editores e redatores do *site*.

O Observatório de Favelas, é uma iniciativa do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). A página traz aos internautas artigos, reportagens, *clippings* de matérias sobre favelas e diversas outras informações sobre este espaço social. A iniciativa também possui uma rede de pesquisadores, a maioria estudantes universitários e moradores de comunidades do Rio de Janeiro, que articulando grupos locais intervêm na realidade onde vivem, buscando soluções e melhorias.

Como podemos ver com esta breve apresentação, o objetivo destas duas mídias não é só o de produzir informações sob novas óticas sobre a favela. O trabalho vai além, e objetiva formar novos comunicadores e pensadores sociais.

O trabalho se divide em três partes. A primeira faz uma contextualização das favelas cariocas, e conta, brevemente, sobre a história das ONGs que dão suporte as mídias em questão. Também serão abordados nesta parte, a história, a estrutura e o funcionamento do Portal e do Observatório. No segundo capítulo, a abordagem será destinada à Internet, e como ela pode ser um instrumento de democratização da informação e inclusão social, abordando o tema das redes sociais e as diferenciadas estratégias que os dois *sites* utilizam para formar suas conexões. Na terceira e última parte, uma análise jornalística da Revista Comunidade Viva e do Observatório de Favelas, estudando que tipo de jornalismo está sendo feito por eles . Ao final do trabalho, anexos de entrevistas, dados sobre favelas e reportagens para complementação do que foi exposto no decorrer da monografia.

A metodologia utilizada para o trabalho se fundamenta em pesquisas bibliográficas sobre o assunto, entrevistas com os participantes de ambos os projetos, análise das páginas na Internet e discussões com a professora orientadora.

Espera-se que todas as informações aqui reunidas possam ser úteis a outros pesquisadores interessados no tema. E também de apoiar estas iniciativas, a favor de um jornalismo mais amplo, e com espaço para todos os tipos de informações e expressões culturais.

## 2 - PANORAMA DAS FAVELAS CARIOCAS

Para contextualizar e entender melhor a necessidade de serem criadas novas mídias sobre este tema, podemos citar algumas reportagens dos próprios *sites* que serão estudados, que trazem dados sobre o crescimento populacional das favelas. A primeira foi publicada no jornal O Globo<sup>3</sup> e mostra o resultado de uma pesquisa feita pelo IETS (Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade), onde foi constatado que o estado do Rio de Janeiro é o mais favelizado do Brasil. Dez por cento de sua população vive em favelas, o que representa 1,4 milhão de pessoas. Do ano de 1991 até o ano de 2000, duração do tempo da pesquisa, mais de 150 mil pessoas passaram a viver em favelas do Rio de Janeiro.

Outra reportagem<sup>4</sup> mostra números diferentes, mas que refletem a mesma explosão demográfica das favelas do Rio de Janeiro.

De 14 favelas em 1920 para mais de 500 no ano 2000. Nesse período, muita coisa mudou na realidade dos morros cariocas. Hoje, o número de favelados representa quase 20% da população total do município do Rio. Algumas comunidades viraram complexos e ultrapassaram os 50 mil habitantes, enquanto áreas como a Zona Oeste – antes um vazio no mapa – viraram opção de moradia barata e hoje lideram o ranking de novas construções.

Um relatório da ONU<sup>5</sup> prevê que dois bilhões de pessoas no mundo viverão em favelas até 2030, em consequência da pobreza, da urbanização acelerada e da falta de políticas públicas efetivas de habitação e emprego.

Até 2050 estimamos que a população mundial seja de nove bilhões de pessoas, seis bilhões das quais viverão nas cidades. Destas, 3,5 bilhões (38%) estarão vivendo em favelas se não fizermos alguma

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Cássia. RIO, o estado mais favelizado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 fev. de 2004.

<sup>4</sup> RETRATO Matemático, **Viva Favela**, Rio de Janeiro. Disponível em [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br). Acesso em: 10 abr. 2005.

<sup>5</sup> UMA Bomba-relógio, **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 out. de 2003.

coisa radical para resolver esse problema — disse a diretora-executiva da ONU-Habita, Anna Tibaijuka.

Se por um lado esta população cresce, sua voz na comunicação social do país diminui. A violência explode em detrimento das péssimas condições de vida, principalmente nas favelas e seus arredores. Mas é preciso muito cuidado para não julgar os fatos com olhares direcionados, sem contextualizações históricas, políticas ou sociais. E, sobretudo, valorizar e mercantilizar a violência como um produto vendável em forma de notícia, e obter lucros com isto.

As favelas não possuem uma identidade única, como é estampada nos jornais, elas são complexas e diversificadas. Entre elas e no seu interior existem “níveis” e status diferenciados para seus moradores dependendo da área que estão localizados, segundo os critérios de escalas de valores diferenciadas, que podem ser baseadas em vantagens econômicas, origens históricas, presenças de ações sociais, proximidade de bairros nobres da cidade e outros tantos. Por isso, estudá-las requer ampliar conceitos e quebrar estereótipos.

Jornalistas de periódicos<sup>6</sup> de grande circulação reconhecem que a cobertura jornalística sobre as favelas não é suficiente e nem inovadora, já que se exploram quase sempre os fatos negativos. Os argumentos apontados por eles são principalmente a falta de segurança e penetração nestes espaços, além do interesse comercial dos jornais, que não possuem públicos expressivos nestas áreas, desenvolvendo assim somente as pautas de violência para o consumo e pânico da classe média. A cobertura de fatos positivos sobre estes locais é ocasional, o que pode inclusive produzir uma imagem das favelas como espaços exóticos, e não como parte de uma realidade que pertence ao corpo social. A falta de informação dos repórteres para buscar pautas mais atraentes e com novos olhares, também é outro fator que colabora para a manutenção da imagem negativa dessas comunidades. O jornalista Oscar Valporto, atual editor de produção do jornal O Dia e um dos fundadores do Viva Favela, comenta<sup>7</sup> esta ausência de pautas positivas sobre as favelas: “Da mesma forma que estão excluídos da vida econômica e social, os moradores de favela estão excluídos da pauta.”

---

<sup>6</sup> AIBE, M. *apud* NUNES, Angelina

<sup>7</sup> VALPORTO, Oscar - Entrevista concedida à Luana Monçores de Lima e Mayumi Senra Aibe, 2003.

É a partir de um olhar diferenciado sobre a pauta, que o portal Viva Favela e o *site* Observatório de Favelas irão andar na contramão da imprensa nacional, principalmente a carioca. Como fazer isto, ainda mais através da Internet? Para compreender este ponto é preciso conhecer melhor o Viva Rio e o CEASM, responsáveis pelos projetos.

## 2.1 - VIVA RIO – Um breve perfil da ONG carioca

Duas chacinas, cometidas por policiais militares do estado do Rio de Janeiro, chocaram a opinião pública em 1993. Na primeira, oito meninos de rua foram assassinados na escadaria da Igreja da Candelária (Centro do Rio), em julho. No mês seguinte, 22 moradores da favela de Vigário Geral (Zona Norte) também foram brutalmente assassinados. Todos são vítimas da grande onda de violência e desigualdade social que vem se acumulando durante os anos. A ONG Viva Rio nasceu neste mesmo ano, concomitante à Campanha Contra a Fome (1992), liderada por Betinho<sup>8</sup>, ex-dirigente da ONG Ibase, que foi fundada nos anos 70. Bernardo Sorj (SORJ, 2003, p.105) fala sobre a semelhança das propostas das ONGs citadas:

A procura de criação de um espaço de colaboração de todos os estratos da sociedade para confrontar os problemas criados pela desigualdade social. Para um país que havia saído da luta contra a ditadura e consolidado uma cultura ideológica centrada num discurso de conformação social e de luta de classes, a idéia de procurar o apoio do empresariado e de transmitir uma mensagem de paz e solidariedade.

Impulsionados pelos acontecimentos, um grupo de empresários, intelectuais e líderes sindicais, juntamente com Betinho, decidem realizar um manifesto mostrando a insatisfação e a indignação da sociedade. O convite<sup>9</sup> para representar o segmento religioso foi feito ao sociólogo Rubem César Fernandes, que, na época coordenava o Iser (Instituto

---

<sup>8</sup> Herbert de Souza, conhecido como Betinho foi uma das maiores personalidades brasileiras que liderou movimentos contra a desigualdade social. Sociólogo, coordenou o Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas). Contraiu o vírus do HIV através de uma transfusão de sangue, e veio a falecer em 1997.

<sup>9</sup> Segundo Bernardo Sorj em SORJ, BERNARDO, 2003.

de Estudos da Religião). Aos poucos sua liderança foi se afirmando, e hoje é a grande figura a frente do Viva Rio.

Abaixo está a “fala” do próprio Viva Rio, que pode ser encontrada no *site* [www.vivario.org.br](http://www.vivario.org.br) (acessado em maio de 2005), onde ele discorre sobre suas atividades:

Com o apoio da população, o Viva Rio desenvolve campanhas de paz e projetos sociais em cinco áreas: direitos humanos e segurança pública, desenvolvimento comunitário, educação, esportes e meio ambiente. Hoje atua em cerca de 350 favelas e comunidades de baixa renda da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sempre em parceria com entidades locais, investindo principalmente nos jovens, mais vulneráveis aos riscos sociais, e buscando a superação da violência.

Dentro desta concepção geral, destacamos o trabalho realizado com as favelas, e, em especial, o da comunicação. A ONG vem trabalhando no sentido de mudar a imagem negativa das favelas dentro da grande mídia, que é formadora de opinião e de representações simbólicas. Atualmente, muitas iniciativas de combate à desigualdade social e de resolução de conflitos passam pelo campo da comunicação. É desta constatação que se decidiu se usar a própria mídia como instrumento para gerar informação. O Viva Favela poderia produzir uma imagem diferente na medida em que vai se utilizar de uma estratégia de produção de informação inovadora em relação à grande mídia. Essa inovação consiste principalmente no uso de novas fontes: membros das comunidades faveladas, cuja voz não se faz ouvir na grande imprensa.

### **2.1.2 WWW.VIVA FAVELA. COM.BR – um jornalismo diferente**

Antes de analisar o projeto, é necessário entender como ele se estrutura, seus objetivos e história. A idéia do portal surgiu ainda nas salas do Viva Rio, um outro projeto da vertente educacional. O alto custo de se produzir um jornal impresso, a enorme procura dos moradores das favelas por cursos de informática e acesso a *web* (com os clubes de informática) possibilitaram a idéia de transformar a Internet em um instrumento de

comunicação para os moradores destes lugares, para a sociedade e para a grande mídia. Neste tempo, a Internet vivia um “boom” de desenvolvimento.

Segundo Bernardo Sorj<sup>10</sup>, a ONG chegou a negociar algumas tentativas de melhoria da imagem das favelas junto à mídia impressa e televisionada através de espaços exclusivos nos jornais com informações sobre e para essas populações. Mas os resultados foram malsucedidos.

Com a decisão tomada, era preciso tocar dois projetos: o portal e o acesso à Internet para as comunidades de baixa renda. O jornalista Oscar Valporto foi o responsável pelo jornal eletrônico, pela montagem da redação, equipe e estrutura. O jornalista Xico Vargas foi o responsável pelo projeto de Internet, que consistia em buscar uma equipe técnica da área, que colocasse o *site* para funcionar na *web*.

Outra questão muito discutida foi a nomeação do portal. O nome favela foi rejeitado várias vezes, pois se acreditava que ele carregava o estereótipo negativo que eles queriam, justamente, transformar. Mas por fim, foi decidido que seria mantido o nome favela, pois afinal de contas este era o tema, e a denominação ainda seria usada por um bom tempo pela sociedade. Para fazer uma alusão ao Viva Rio, e mostrar o seu verdadeiro objetivo, o portal foi batizado de *Viva Favela*. O termo Viva ao lado da palavra favela carrega uma conotação positiva.

O acesso à Internet foi solucionado através da organização das Estações Futuro. Atualmente, são 10 unidades que atendem várias comunidades do estado do Rio de Janeiro. Elas oferecem, além do acesso, cursos de informática e outros serviços. A primeira a ser inaugurada foi a da Rocinha que, juntamente com o portal, iniciou suas atividades em 2001. O começo da implementação destes espaços foi bem difícil, porque existiam alguns obstáculos de infra-estrutura a serem enfrentados. Para a experiência da Rocinha, o Viva Rio fez um acordo com uma empresa de tecnologia, e o acesso à Internet ficou sendo via rádio. Uma espécie de bolha virtual cobriria a favela, e o problema do acesso estaria resolvido.

O projeto vivafavela.com.br foi viabilizado através de uma vultosa doação feita pela empresa Globo.com<sup>11</sup>. Parte deste dinheiro foi investido na construção de conteúdo do *site*.

---

<sup>10</sup> SORJ, Bernardo, *brasil@povo.com*, 2003.

<sup>11</sup> *Apud* AIBE, 2004, p.21 – Nesta bibliografia a autora conta que, através de uma entrevista feita com a editora do portal (Cristiane Ramalho), a Globo.com financiou o projeto ao longo de 2001. Depois, as

Para dar continuidade ao empreendimento, no entanto, era necessário atrair parceiros para sua sustentação, já que a ONG não possui fins lucrativos. Na página [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br), encontra-se uma lista dos parceiros e patrocinadores que bancaram o projeto. Rubem César conta em entrevista<sup>12</sup> que o Viva Rio chegou a entrar em contato com um grande provedor, que achou ótima a idéia do portal. Mas o conselheiro do Viva Rio, João Roberto Marinho, um dos donos das Organizações Globo se comprometeu a investir no projeto.

Nessa altura, estava começando com o Globo News - não tinha sido lançado ainda, mas estava já nesse projeto - e com o Globo.com de entrar na internet. Ele disse: “Não, essa é nossa casa, isso aí eu banco. Tem que ser uma coisa independente, mas a gente banca. Isso tem tudo a ver com inclusão digital, internet... Não vamos ficar atrelados a um provedor.” Então, quem viabilizou o *Viva Favela* em termos de recurso nos dois primeiros anos e meio, desde o desenvolvimento do projeto e sua manutenção, foram as Organizações Globo, com esse compromisso que o João assumiu inicialmente. Tinha a ver com aquela coisa original e também com o aumento da internet, de aposta na internet.

Desde o início, os trabalhos na redação da revista eletrônica são realizados por uma equipe de jornalistas e correspondentes comunitários. A equipe de jornalistas, além de escrever as reportagens, possui a missão de acompanhar o desenvolvimento das matérias realizadas pelos correspondentes e a construção e aperfeiçoamento de seus textos. Há toda um cuidado com o olhar e a voz do morador local, e a preocupação de se redigir um texto atrativo, dentro da linguagem jornalística, que permita uma maior interlocução com diversas categorias sociais. Hoje estão na redação do Viva Favela uma editora-executiva, uma editora de fotografia, uma subeditora e mais seis jornalistas.

Para registrar a realidade das favelas da forma mais fiel possível e ter facilidade de acesso às informações que circulam nas comunidades, nada melhor do que contar com o olhar dos moradores locais. São eles que têm a vivência do cotidiano destes espaços,

---

seguintes empresas e instituições patrocinaram o Viva Favela: Petrobrás (Convênio com a Fundação da Infância e da Adolescência), Telemar, Icatu Hartford, Ipiranga, Norwegian Church Aid, Intrechurch Organization for Development Co-operation, da Holanda, e Departement for International Development, da Inglaterra.

<sup>12</sup> FERNANDES, Rubem César – Em entrevista concedida à Ilana Strozenberg e Carolina Andrade, 2004.



conhecem suas histórias, peculiaridades e problemas. Não só pela facilidade de penetração, mas também com um objetivo de formação profissional e inclusão social, o Viva Rio optou por utilizar moradores locais – os correspondentes comunitários – para fazerem a cobertura jornalística das favelas.

Os principais critérios para a seleção dos correspondentes foram: o fato do candidato ter liderança comunitária, algum tipo de experiência com a comunicação e boa redação. Também foram selecionados fotógrafos para o trabalho de fotojornalistas. Sebastião Santos, responsável pela Rádio Viva Rio e militante pró-rádios comunitárias, foi o gerenciador da seleção, quem de fato escolheu as 14 pessoas foi a jornalista Rosana Bensusan<sup>13</sup>. Os correspondentes cobririam as seguintes áreas, inicialmente: Zona Oeste, Baixada Fluminense, Complexo do Alemão, Rocinha, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Ramos, Complexo da Maré, Cidade de Deus e Morro do Tuiuti.

O trabalho dos correspondentes é remunerado, e muitos mantêm atividades paralelas ao jornalismo. Eles participam de todos os processos de uma atividade jornalística: a reunião de pauta, apuração, reportagem, edição e publicação. Após algumas discussões, as matérias passaram a ser assinadas em conjunto sempre que o jornalista tivesse feito uma alteração considerável no texto do correspondente. A capacitação dos correspondentes é feita desde o começo, e se manteve constante.

O olhar do correspondente comunitário é muito diferente do olhar de um jornalista que tem que cobrir uma pauta nas favelas do Rio. Por isso eles são peças fundamentais na diferenciação da cobertura que o Viva Rio realiza sobre as comunidades. A atual editora-executiva do portal, Cristiane Ramalho, tem sua opinião sobre esta nova visão <sup>14</sup>:

Esse olhar que eles têm por morarem lá, ninguém tem. A gente também achava que havia um desinteresse, um descaso. E que hoje, a gente vê que era uma falta de percepção, uma dificuldade intrínseca das mídias tradicionais de produzirem esta cobertura. Tanto que viramos fonte de pauta para a mídia tradicional. A gente está percebendo que existia sim uma demanda. E existe um grande interesse, gigantesco, como o retorno

---

<sup>13</sup> BENSUSAN, Rosana – Em entrevista concedida à Ilana Strozenberg e Carolina Andrade, 2005.

<sup>14</sup> RAMALHO, Cristiane – Em entrevista concedida à Ilana Strozenberg e Thereza Cristina França Corrêa, 2003.

de escolas, mídias, escolas particulares que usam nossos textos. As pessoas querem saber como se vive na favela.

Além da revista, o portal ainda oferece algumas seções, como:

- **O Nordeste é aqui** - Uma *homepage* dedicada aos nordestinos que moram no Rio de Janeiro. Ela serve de ponto de encontro, anuncia eventos relacionados à cultura nordestina, publica receitas de pratos típicos e conta histórias sobre seus personagens ilustres.
- **Clique seu Direito** – Um espaço para tirar dúvidas e se orientar sobre vários temas ligados à defesa dos direitos do cidadão. A seção também atua com o Balcão de Direitos, que faz assessoria jurídica *on line* e gratuita, atendendo várias favelas do Rio de Janeiro. O *site* é interativo e ainda publica matérias sobre o tema.
- **Revista Comunidade Viva** – Ela é o principal “produto” do portal, onde as matérias dos correspondentes e dos jornalistas são publicadas.
- **Favela tem Memória** – Neste *site* podemos encontrar um pouco das histórias das origens de algumas favelas, imagens antigas, depoimentos (através de um projeto de história oral realizado pelo Viva Favela) e estatísticas sobre as comunidades.
- **EcoPop** – Espaço dedicado às questões ecológicas, também publica matérias, dicas sobre proteção do meio ambiente.
- **Beleza Pura** – *Site* que tem como público alvo as mulheres das comunidades. São discutidos temas como beleza, sexualidade, trabalho, moda, culinária, família. Há também uma agência virtual de modelos.
- O portal também conta com as seções de serviços, educação, esporte, e oferece chats, e-mails gratuitos, classificados e entretenimento ao seu público.

## 2.2 - CEASM – O movimento social da comunidade para a comunidade

A relação CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré)/Observatório é um pouco diferente da relação existente entre Viva Rio/Viva Favela, pois não há um pertencimento, mas sim uma parceria das iniciativas, que também contam com coordenadores que atuam nos dois lados. Ambas se localizam no Complexo da Maré, que reúne 16 comunidades diferentes.

O CEASM se define como:

O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM – é uma associação civil, sem fins lucrativos, criada em 15 de agosto de 1997. O CEASM atua no conjunto de comunidades populares da Maré, área da cidade do Rio de Janeiro que reúne cerca de 130 mil moradores. O Centro foi fundado e é dirigido por moradores e ex-moradores locais que, em sua grande maioria, conseguiram chegar à universidade. Os projetos desenvolvidos pelo CEASM visam superar as condições de pobreza e exclusão existentes na Maré, apontado como o terceiro bairro de pior Índice de Desenvolvimento Humano da cidade. (CEASM, [www.ceasm.org.br](http://www.ceasm.org.br), abril de 2005)

É interessante perceber nesta citação, que o termo favela não foi empregado para definir o complexo, e sim o termo bairro. É neste sentido, de valorização destes locais, que o CEASM, e sobretudo o *site* Observatório de Favelas vêm trabalhando na quebra de marcas sociais pejorativas, discriminatórias.

O CEASM começou como um pré-vestibular comunitário e, atualmente, atinge milhares de moradores com 14 projetos diferenciados, que estão divididos em núcleos, que abrangem as áreas de educação, cultura e geração de renda e trabalho. As atividades disponíveis para a população da Maré são nas áreas de: idiomas, informática, esportes, ensino, comunicação social e visual, arte e memória, além de outros. No período da realização desta pesquisa, seus líderes e fundadores eram: Eliana Sousa Silva, Antônio Carlos Vieira, Jaílson de Souza e Silva, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, Lea da Silva e Maristela Klem. Todos eles possuem uma história de vida no Complexo da Maré, a maioria é graduada e pós-graduada em importantes universidades do estado do Rio de Janeiro, e

também, possui experiências de militância política junto ao PT (Partido dos Trabalhadores) e a Igreja Católica. É importante ressaltar que este movimento social surgiu na favela para ela mesma, contrariando a lógica de construção de outras ONGs, combatendo ações assistencialistas.

No imaginário social, a favela é um espaço que parece estar à parte da cidade. Uma separação, que segundo o Observatório de Favelas, é construída pela mídia, e reforçada pelo medo da sociedade de penetrar nestes espaços. Os projetos que são desenvolvidos pela ONG e pela página eletrônica possuem o objetivo de reintegrar a cidade e a favela. Podemos ver esta questão abordada no trecho da reportagem abaixo que contém a opinião de Jaílson Silva e Diógenes Pinheiro (D'ABREU, M. A favela tem muito o que dizer sobre si, Rets, Rio de Janeiro, 03 out. 2003. Disponível em <http://www.rets.org.br>. Acesso em: 23 de abril de 2005), coordenadores do Observatório de Favelas:

Segundo Jaílson, é preciso entender que as favelas têm um papel importante na constituição da cidade, reconhecer que fazem parte dela e desta forma romper com o conceito errôneo de "cidade partida". Diógenes completa, afirmando que a favela não está à margem e faz parte da cidade como outro bairro qualquer, apenas com suas características diferenciadas.

#### **2.2.1 – WWW.OBSERVATORIODEFAVELAS.ORG.BR: Os universitários e suas redes de informação.**

O Observatório de Favelas nasceu como um desdobramento do CEASM, e é juridicamente independente. Ele atua como uma rede sócio-pedagógica, composto por professores universitários, estudantes e organizações comunitárias. As favelas são o campo de estudo e ações da entidade, e seu público são os jovens universitários e pré-universitários que residem nas comunidades. Tem por objetivo o combate a desigualdade social e a pobreza no Rio de Janeiro a partir da perspectiva dos moradores das favelas. Sendo assim seus projetos se direcionam em três vertentes, que estão citadas abaixo<sup>15</sup>:

---

<sup>15</sup> Extraído do site [www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br), abril de 2005.

- 1) “Vertente da comunicação e representação: produz e divulga novas representações sobre as favelas, rompendo com os discursos criminalizantes e paternalistas tradicionalmente dirigidos a estas. Para isso, estimula a criação de uma rede de comunicação que envolve a grande imprensa e, em especial, a mídia comunitária; produz livros, filmes e um banco de imagens com novas formas de percepção das favelas, organização e difunde publicações produzidas por jovens estudantes das favelas.
- 2) Vertente técnica-pedagógica: investe na formação metodológica e política dos jovens estudantes das favelas, no intuito de formar pesquisadores identificados com seu território de origem. Entre outras atividades, eles realizam pesquisas e produzem dados primários nos campos sócio-econômico, educacional e cultural. Informações utilizadas como instrumentos para reforçar a luta dos moradores e organizações comunitárias por políticas públicas adequadas aos seus interesses. Ao aliarem suas experiências cotidianas ao material teórico e metodológico oferecido pela universidade, os jovens se tornam capazes de elaborar análises e conceitos sobre a cidade a partir de suas perspectivas. Nesse processo, tornam-se lideranças potenciais de suas comunidades e espaços afins.
- 3) Vertente Sociopolítica: não basta a competência técnica e ação local. Nesta vertente estratégica, estimula-se a organização dos jovens estudantes universitários das favelas e outros espaços populares do Rio de Janeiro. Organizados em seções nas universidades e numa rede central, eles têm condições de colocar em questão a relação das universidades e dos órgãos públicos com os territórios populares e seus moradores, propondo novas formas de protagonismos para estes.”

Os jovens universitários e pré-universitários se organizam em grupos de pesquisa nas comunidades onde moram, e estão ligados em redes locais, articuladas com alguma instituição já inserida na comunidade. Os próprios jovens definem as formas de intervenção

em seus territórios a partir de seus projetos. Podemos ver a descrição de como funciona esta estrutura na própria página do Observatório de Favelas<sup>16</sup> :

A rede de pesquisadores locais é construída mediante o desenvolvimento de projetos específicos, estudos orientados de metodologia de pesquisa e análise de experiências de intervenções públicas. As redes são articuladas por universitários bolsistas. A esse grupo se incorporam outros jovens que queiram se integrar às atividades e ao processo de formação. Cada rede local é acompanhada por um membro da equipe de coordenação do Observatório.

Podemos encontrar grupos de pesquisadores nas seguintes comunidades: Vila Kennedy, Maré, Rio das Pedras, Chapéu Mangueira-Babilônia e Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, Rocinha e Mangueira, Cidade de Deus, Morro do Alemão e Grande Tijuca. Os universitários também se organizam dentro das universidades públicas do estado e também na PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Eles produzem dados sobre as favelas, seminários sobre estes espaços populares, um banco de imagens chamado banco de Imagem do Povo, com fotos para venda; produção da revista (impressa) chamada Saberes Insurgentes, livros e até um documentário.

O Olhar do morador local, e ainda universitário, vê além dos problemas que estes espaços enfrentam, lugares ricos de histórias, “boas notícias”, dados interessantes que diferenciam e muito da imagem estereotipada dos jornais.

Encontramos nos *site* as seguintes, e principais, seções:

- **Entrevistas e reportagens** - normalmente os entrevistados e as reportagens giram em torno do tema favela ou do próprio *site*.
- **Agenda** - Divulgação de cursos, premiações, eventos, seminários, encontros, lançamento de livros promovidos pelo projeto.

---

<sup>16</sup> Extraído do site [www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br). Acesso em: abril 2005.

- **Favela na Mídia** - *Clipping* de notícias sobre favelas extraídas de grandes jornais de circulação principalmente do eixo Rio-São Paulo.
- **Banco de Imagens do Povo** - uma iniciativa interessante que funciona como uma agência jornalística de venda de imagens das comunidades.
- **Varal de letras** - artigos de opinião de professores universitários e intelectuais.
- **Mural de artes** - Divulgação de ventos ligados à arte, música, exposições, teatro e poesia dos participantes do *site*.

### 3 - A Internet como aliada: as redes de informações sobre favelas

Não há como falar de comunicação e estratégias de inclusão social sem passarmos pelo advento e uso da Internet. Hoje, de forma bastante desenvolvida, ela permite aos seus navegantes uma variedade de usos e possibilidades, como compras, divulgação, entretenimento, serviços, contato pessoal e, sobretudo, informação. Esta última será de extrema importância para o desenvolvimento das redes, especialmente as do nomeado Terceiro Setor<sup>17</sup>.

Com o avanço das tecnologias da comunicação, cada indivíduo com acesso a elas tem uma certa dose de liberdade para produzir informação, de qualquer natureza, e divulgá-la em páginas pessoais, que podem ser construídas com ferramentas gratuitas da própria Internet. Mas com esta ampla produção de informações, sejam elas textuais ou audiovisuais, surge o problema do excesso e do desnecessário. Além também, das instâncias governamentais do mundo não terem acompanhado na mesma velocidade o crescimento da *web*. Eles não possuem leis eficientes que a regulamentem internacionalmente, já que não podemos fechá-las como as fronteiras dos Estados Nacionais.

A Internet, como veículo de comunicação, tem baixo custo, o acesso é rápido e em tempo real, é multimídia e não depende do espaço. Em comparação com os meios de

---

<sup>17</sup> O terceiro setor é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, que tem como objetivo gerar serviços de caráter público.

comunicação tradicionais, que necessitam de grandes investimentos financeiros e humanos, e ainda esbarram em questões políticas, a Internet abriu grandes possibilidades para aqueles que sonharam com a democratização da comunicação em uma sociedade, onde cada vez mais ter informações é uma questão importante. A possibilidade de intercâmbio do fluxo de dados que este meio viabiliza um avançar em passos mais largos, e possibilitou a criação de redes solidárias, grupos de estudo sobre questões sociais e páginas eletrônicas, como as estudadas por este trabalho, de informações jornalísticas sobre favelas e comunidades de baixa renda. A favela e sua realidade, em seus múltiplos aspectos, pode ser vista, discutida e “acessada” por várias pessoas, em qualquer lugar do mundo, desde que tenha como se conectar a esta rede mundial de computadores. A mídia tradicional já não tem o monopólio da fala a seu respeito.

### 3.1 – A REDE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.

A palavra rede vem do latim *retis*, que significa entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Com o tempo foi ganhando outras significações, em diversas áreas do conhecimento humano. Atualmente, ela é empregada devido ao contexto globalizado em que vivemos, principalmente para se referir às relações de comunicação. Se, por um lado, temos o avanço neoliberal, que promove o individualismo e a exclusão social, setores da sociedade utilizam as redes para resistir aos malefícios do capitalismo.

Para definir o que é uma rede (dentro de um conceito contemporâneo) podemos utilizar uma citação que se encontra na Cartilha 5 (Rádios Comunitárias: Internet)<sup>18</sup>, produzida pelo Viva Rio:

Redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns. Estruturas flexíveis e cadenciadas, as redes se estabelecem por relações horizontais, interconexas e em dinâmicas que supõem o trabalho colaborativo e participativo. As

---

<sup>18</sup> A cartilha não contém ano de publicação.



redes se sustentam pela vontade e finidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional, tanto para as relações pessoais quanto para a estruturação social.

A rede, em teoria, não funciona verticalmente, sua construção não é pensada numa lógica hierárquica de dominação, mas sim horizontal e expansionista. A sociedade civil começa a perceber, na virada do século XX para o XXI, que a colaboração participativa é um meio eficaz na realização de transformações sociais. A ação dos grupos pode ser local ou global, o tema a defender pode ser comum a todos, em todo o mundo. Apesar de todos os benefícios e otimismo em relação à Internet, ela é pensada aqui não como um ponto de mutação para os problemas sociais, mas sim como um caminho, uma estratégia de melhoramento.

Para Bernardo Sorj (SORJ, Bernardo, 2003, p.55), a utilização da metáfora de rede não nos leva a abandonar totalmente a idéia da sociedade como uma estrutura ou uma pirâmide, pois a telemática afeta as técnicas de poder, transformando os sistemas tradicionais de organização e o funcionamento dos centros de decisão, mas não os elimina.

Não só o mercado, mas também a democracia tem todas as características de uma rede, em que a participação e a circulação de informação é central para seu funcionamento ... As redes virtuais se multiplicaram e mudaram o funcionamento das organizações piramidais, mas isso está longe de fazê-las desaparecer.

Ele ainda explica que o impacto da Internet na sociedade é bidirecional. Por um lado ela expande as possibilidades da opinião pública mundial e da atuação de movimentos sociais não-centralizados, e do outro ela também permite novas formas de organização antidemocrática, na forma de redes que extrapolam as fronteiras nacionais dos países, com perfis altamente centralizados. Dois exemplos bem claros são as redes internacionais de crime organizado e dos grupos terroristas.

Continuando com o pensamento de Sorj<sup>19</sup>, ele diz que pensar as redes participativas globais, constituídas nas bases de uma sociedade global, à margem do poder dos estados e das grande empresas, não dá conta da realidade atual.

O grande desafio intelectual e prático deste começo do século XXI é inventar novas articulações entre redes e pirâmides, de forma a potencializar as dimensões democráticas das novas tecnologias.

Alguns estudiosos não encaram com olhos tão otimistas o uso da Internet na inclusão social. Para eles, desde da popularização do uso da *web* (década de 90) muitas previsões foram feitas, mas nenhuma delas atingiu de fato a realidade dos “excluídos” de qualquer origem (criando ainda a categoria dos excluídos digitais), e nem foram capazes de modificar a estrutura da comunicação atual. Os argumentos são muitos, mas os principais se baseiam na restrita acessibilidade da maioria da população aos meios eletrônicos e a continuação da existência de grandes diferenças sociais.

Dentro do conceito de rede, e que vem ao encontro da questão da integração entre “asfalto e morro”, reduzindo as possíveis consequências de uma “cidade partida”, é a aproximação entre as pessoas que a Internet pode proporcionar, tornando o mundo menor do que a sua dimensão física, permitindo o contato e a troca entre indivíduos separados por longas distâncias geográficas e sociais. Pode-se perceber como as diversas modalidades de informação e olhares sobre favelas circulam na rede eletrônica através dos diversos e-mails e cartas que chegam de vários lugares do Brasil e do mundo à redação do Viva Favela e ao Observatório de Favelas<sup>20</sup>. Esta “resposta” pode ser verificada na reportagem intitulada “*Uma Ponte Virtual*”<sup>21</sup>, de Carlos Coiller, do Portal Viva Favela, que mostra como diversas matérias realizadas pelos correspondentes comunitários serviram para estabelecer contato e abrir possibilidades de negócios entre as comunidades, o Estado, pessoas fora do país ou pessoas em situação de exclusão social.

São alguns casos muito interessantes de fluxo de informações e aproximação de pessoas. O primeiro é a escolha da Cidade de Deus como sede para um pólo de produção de

---

<sup>19</sup> SORJ, Bernardo, 2003, p. 57

<sup>20</sup> Comentários nas entrevistas concedidas pelas equipes das páginas.

<sup>21</sup> Ver anexos.

biodiesel, que será instalado pelo Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), da Presidência da República, e que irá gerar empregos para a comunidade e parcerias com empresas privadas. O segundo caso é o de um morador da Maré, que após expor seus artesanato através da reportagem do portal, recebeu encomendas para exportar seu trabalho para os Estados Unidos. Um outro relato informa sobre como o Viva Favela inspirou a iniciativa de se criar um jornal das presidiárias na Penitenciária Talavera Bruce, no estado do Rio de Janeiro, o que resgatou a auto-estima das detentas. Além destas e outras histórias, a matéria fala sobre a utilização do *site* como fonte pela redação do telejornal RJ-TV, da Rede Globo, um dos diários audiovisuais mais vistos pela população carioca. O chefe de reportagem do programa, Marcelo Moreira, declara<sup>22</sup> usar as notícias do portal para pautar o jornal, já que o acesso às favelas pelos jornalistas ficou muito mais difícil nos últimos anos.

O site é de ótima qualidade. Fazer uma matéria positiva sobre a favela e pautar um telejornal como o RJ-TV, que é visto por cinco milhões de pessoas, mostra o valor do trabalho do Viva Favela.

O Observatório de Favelas também seguiu o mesmo rumo. O projeto *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares*, proposto pelo Observatório de Favelas e suas redes de estudo, já funciona (inicialmente) em cinco universidades federais: UFRJ, UFF, UFMG, UFPA e UFPE, e tem por objetivo promover o intercâmbio entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. O governo federal, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC), juntamente com as universidades citadas, o colocou em prática.

Muitas pessoas, levadas pela curiosidade ou pelo interesse sobre a questão da favela, na medida em que não tem o contato físico e presencial com esses territórios, buscam informações sobre o seu cotidiano nos *sites*, e passam a interagir com eles através da rede virtual. É verdade que o preconceito não é quebrado em sua totalidade e a integração não é material. Mas podemos vislumbrar uma mudança de comportamento, em cima do despertar de interesses e uma nova forma de abordagem das comunidades.

---

<sup>22</sup> COILLER, Carlos *apud* MOREIRA, Marcelo – *Uma Ponte Virtual*, Viva Favela, 2004.

Dados de uma pesquisa<sup>23</sup> realizada pela UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos) mostram que a utilização da Internet é majoritariamente instrumental, o que descredita o uso deste meio para uma transformação social, como podemos ler no artigo de Paulo Vaz (VAZ, Paulo, 2004, p.128):

Ela é, na maior parte dos casos, um modo de realizar a distância atividades que outrora dependiam da proximidade física ou de outros meios de comunicação. De fato, ela parece se constituir num modo de ser dos indivíduos, num modo de construir e manter laços familiares, de amizade e de trabalho; de agir a distância; e, por fim, de obter e processar informações.

Desse ponto de vista, o caminho parecia estar pronto para o desenvolvimento de uma comunicação democrática, mas alguns obstáculos surgiram, como o caso da acessibilidade e o excesso de informação com a descentralização e a liberdade de produção. O primeiro, em parte, foi resolvido com o barateamento dos equipamentos e o desenvolvimento pelo mundo de centros locais de acesso à Internet, não sendo suficiente para atingir a todos, mas estão em quantidade bastante representativas. O segundo esbarrou em outro obstáculo, a busca da informação (VAZ, Paulo, 2004, p.130).

Embora considere que a evolução da rede compromete as esperanças que se tinha de democratização, há limitações claras no questionamento que se baseia apenas no excesso de informação. Imaginemos a Internet como uma praça pública. O excesso de informação mostra que ela é muito ruidosa e que, por isso mesmo, as pessoas só escutam aquelas que estão mais próximas, não no sentido espacial, mas no de crenças e valores.

---

<sup>23</sup> VAZ, Paulo, 2004 - O artigo trata sobre o tema “rede” de maneira mais ampla, não sendo específico aos movimentos sociais. Outros textos que serão utilizados no trabalho tratam objetivamente das redes sociais, principalmente as experiências estabelecidas no âmbito do Brasil.

Assim, o ser humano, apesar das grandes facilidades tecnológicas que lhe permitam dispor de mais tempo livre, possuiria mais atividades e opções de preencher o seu dia. Sendo assim, ele continuaria com poucas horas para acompanhar os diversos meios de comunicação que estão disponíveis. Se informar, ler um jornal, ver televisão ou, como neste caso, navegar pela Internet, passariam a ser atividades cada vez mais superficiais. O que este indivíduo tão atribulado do novo século procurará na *web*? Poderíamos responder que basicamente são serviços, entretenimento e informação. Mas que tipo de informação? É nesta pergunta que os estudiosos da comunicação ou de outras áreas de humanas se tornam mais pessimistas. A resposta: o que já é conhecido. O que podemos verificar na citação de Paulo Vaz (VAZ, Paulo, 2004, p.129):

Em vez dos indivíduos se conectarem para se abrirem ao novo, eles podem acessá-la para ter mais do mesmo, restringindo suas visitas aos *sites* que confirmam suas crenças sobre o mundo.

A credibilidade (dada por uma imagem bem estabelecida) será o instrumento fundamental para atrair os leitores. Novos jornais *online* teriam menores vantagens do que jornais tradicionais impressos, e que agora se encontram com versões na *web*. As ferramentas de busca são facilitadoras do encontro de informações, mas seu potencial máximo de pesquisa e absorção de conhecimento só será plenamente desenvolvido dependendo do perfil do internauta, como por exemplo: escolaridade, curiosidade sobre o mundo que o cerca e etc.

A imagem de credibilidade construída pelos *sites* aqui estudados se apóia na imagem das ONGs que dão ou deram suporte aos seus trabalhos, como já foi mencionado no capítulo anterior. O Viva Rio e o CEASM vêm de uma longa história de iniciativas sociais, projetos de qualidade e independência política nas suas ações, apresentando muitos resultados positivos em seus movimentos a favor da igualdade social. O primeiro possui uma maior visibilidade da mídia, provavelmente por ter sua origem fora das comunidades, e o segundo faz um caminho contrário, pois surgiu nos espaços populares e expandiu suas atividades para outras localidades do estado.

Voltando ao pensamento de Paulo Vaz, ele afirma em seu artigo, que podemos pensar a Internet como uma facilitadora na organização dos movimentos sociais. Mas a concepção e o uso dos novos meios de comunicação e seus efeitos dependem exclusivamente do perfil das sociedades em que elas se desenvolvem. Para ele, a Internet (que por si mesma é uma rede) está centralizada, e os indivíduos não tendem a atualizar a diversidade de pontos de vista que ela contém. (VAZ, Paulo, 2004, p.137):

Se a preocupação for pesquisar como a Internet pode favorecer a democratização, talvez a boa questão não diga mais respeito à descentralização do poder de emitir informações a distância ou às características singulares de suas representações, mas ao modo como ela facilita a organização e amplia o alcance de movimentos sociais, contestatórios ou não.

E continua (VAZ, Paulo, 2004, p.133):

A inexistência na prática de uma grande diversidade de pontos de vista e da possibilidade de ser escutado, lido ou visto tem como consequência que a rede não é tão singular assim em relação aos outros meios de comunicação de massa. Parece nada haver de novo sob o sol; só não antecipávamos essa possibilidade porque estávamos fixados na idéia de que a rede é um modo de ordenar flexível, que não muda sua tipologia á medida que evolui.

Em seu artigo sobre redes da juventude, Paulo Carrano (CARRANO, Paulo, 2002, p.91 - 105), apresenta um ponto de vista diferente ao tratar a descentralização da rede. Para ele, “as redes sociais não requerem um centro único de comando, mas não quer dizer que não haja compartilhamento de significados.” E prossegue apontando que:

O predomínio organizacional das redes contemporâneas não é a forma piramidal, mas sua dimensão de horizontalidade resificada.

Isso não quer dizer que não haja hierarquias, que não existam fluxos hegemônicos e fluxos hegemonizados... Quando digo hegemonia, não penso na luta entre blocos rígidos e consolidados, quer seja entre classes sociais ou Estados, refiro-me, entretanto, ao jogo político entre sujeitos e projetos que entram em disputa pelo poder por diferentes mediações sociais.

Ele acredita que as redes sociais são uma combinação entre suporte técnico e ação humana politizada. Ela só existe porque sujeitos concretos atuam em um cenário globalizado, e que só podem ser compreendidas nos seus processos de realização.

Se considerarmos que a rede só é válida em ato, ela não pode ser nada enquanto não for praticada, acessando seus recursos e pondo em movimento suas intenções coletivas. Redes sociais não são coisas que se expliquem com anterioridade, pelo contrário, são fatos sociais que só podem ser compreendidos em seus processos de realização. É nesse sentido que não podemos dizer que uma rede é, mas, sim que está sendo isso ou aquilo. Desta forma, uma ação coletiva em rede social é algo que necessita se redefinir o tempo todo, demonstrando capacidade de se auto-avaliar.

A construção da rede do Viva Favela se dá segundo as ações do Viva Rio, que atua nas comunidades com diversos tipos de projetos voltados para algum aspecto da inclusão social. A intenção é servir de consultor para as idéias que as comunidades querem colocar em prática, e assim promovê-las através da idéia de uma auto-sustentação. Um exemplo claro deste conceito é a estação futuro. O Viva Rio entra com a consultoria e a renda provém do pagamento de cursos, serviços prestados e acessos à Internet, todos cobrados a um valor abaixo da média na cidade. Acontece da ONG procurar contatos para desenvolver alguns espaços, assim como ser procurada para o desenvolvimento de projetos. Ao entrar nestes espaços através das ações sociais, ela leva consigo todos os seus projetos internos, como acontece com o Portal Viva Favela.

O *site* estabeleceu redes para difusão do conteúdo produzido pelos correspondentes comunitários e jornalistas da página eletrônica, são alguns deles: Nomínimo, Porta-curtas Petrobrás, Caderno IG Rio, IETS (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade) e o próprio Observatório de Favelas. Há uma divisão na página que aponta duas figuras diferentes, que são os parceiros e os patrocinadores. A subeditora do portal, Tetê Oliveira<sup>24</sup>, explica na citação abaixo esta diferença e fala como é realizada esta difusão de conteúdo:

Patrocinadores são na verdade os financiadores que sustentam o portal e possibilitam que a gente ande. E parceiros podem ser tanto aqueles que a gente coloca na nossa página, e em troca eles colocam na *homepage* deles uma chamada nossa para atrair tanto o público deles para gente quanto o nosso para o deles. Temos parceiros que não aparecem na nossa página. Que parcerias são essas? São pessoas e *sites* que normalmente pedem para reproduzir nossas matérias. A gente cede, mas o critério é dar o crédito. Varia de tudo, tem desde *sites* de *hip hop*, que viram alguma coisa de interessante e vai lá e coloca na página deles, até *sites* de ONGs e cidadania. Temos também alguns portais de ONGs que trabalham fora do país. Parcerias antigas que a gente vai descobrindo por acaso porque não tínhamos muito esse registro. Eles convertem para o inglês e colocam nas versões inglês e português.

Outra parceria interessante, para a formação da rede de conteúdo e ações, foi feita com o jornal *O DIA*, que disponibilizou um espaço gratuito aos sábados na página dois para reproduzir uma matéria do portal<sup>25</sup>. Quem escolhe as matérias é a própria redação do Viva Favela. Tetê Oliveira<sup>26</sup> conta como é feita a seleção:

Normalmente, nós mandamos duas para eles escolherem. Ai é claro, é espaço de jornal, a matéria é bem menor do que a que a gente manda. Eles

---

<sup>24</sup> RAMALHO, Cristiane e OLIVEIRA, Tetê – Em entrevista concedida à Ilana Strozenberg e Thereza Cristina França Corrêa, 2003.

<sup>25</sup> Não tenho informações se até a data da apresentação deste trabalho, o jornal *O Dia* ainda mantém as publicações.

<sup>26</sup> *Idem* 24



editam. Às vezes, também a matéria não sai. A gente chega lá e na hora H, aconteceu um tumulto, um acidente, uma enchente... aí aquele espaço é o primeiro a ser cortado, é claro. Mas costuma sair. A gente também procura mandar matérias que tenham mais a ver com eles, que não sejam da cobertura diária deles, que tenham interesse mais de comunidade porque aí é uma coisa que eles não têm muito acesso.

Esta questão da parceria poderia ser vista com bastante crítica ao modo como ela está sendo feita com uma mídia de grande porte. Mas ao contrário do que pode ser julgado à primeira vista, não consiste em uma simples ação carregada de compaixões pelo problema alheio. A pauta que emplaca no jornal é aquela que eles não têm, justamente o tema que fala de algum aspecto da vida cotidiana das favelas, e que os profissionais da comunicação dificilmente teriam acesso para acompanhar ou até mesmo saber de sua existência. Esta situação também pode ser percebida na fala do chefe de reportagem do telejornal RJ-TV. E assim o objetivo é alcançado: reverter a imagem da violência. Um comentário importante que cabe neste contexto: a utilização dos personagens da Turma do Cambito nas charges de intervalo comercial da TV Globo. O personagem surgiu para atrair o público infantil para o *site* Viva Favela, abordando temas que estão no cotidiano destas crianças.

Pelo o que se pode perceber não há privilégios de parceiros, o importante é fazer com que a informação produzida circula o máximo possível. Os vínculos são estabelecidos de acordo com contatos pessoais e até institucionais (via Viva Rio), articulando ações com a grande mídia e a pequena mídia também, principalmente a *online*. O público é variado: moradores de favelas, estudiosos, “curiosos”, jornalistas, etc; o que demonstra o perfil jornalístico e informativo do veículo.

O Observatório de Favelas se comparado ao Viva Favela tem como objetivo comum a produção de informações sobre estes espaços populares, revertendo a imagem negativa das favelas, mas pode-se apontar diferentes concepções e estruturas entre ambos. O Observatório de Favelas está voltado primeiramente para a formação de lideranças intelectuais locais, através de suas redes de estudo. A sua produção de informação é voltada para a análise e a produção de conhecimento.

Em sua liderança estão pessoas com origens nestes lugares e com formação universitária. Se por um lado o Viva Favela ajusta lideranças entre “asfalto e morro”, o

Observatório faz um movimento em sentido oposto: o da favela para a população. Isto não significa que um seja mais eficiente do que outro por adotarem concepções e terem origens diferenciadas, pelo contrário, eles se apóiam mutuamente fazendo um novo nó nesta grande rede dos movimentos sociais. Na página do Observatório também se encontra o link de acesso ao portal Viva Favela. São estratégias diferenciadas que atuam na mesma direção: ações para promover a igualdade social e modificar a imagem negativa das favelas na grande mídia.

Em seu *site* estão quatro parceiros: Care, Ford Foundation, IETS e CEASM. Além dos *links* do Viva Favela (citado anteriormente) e do Observatório Jovem, que está inserido em uma das redes de estudo que promovem. Por um tempo, o *site* Observatório de Favelas ficou hospedado dentro da página do IETS, por motivos de custos. Neste momento está passando por uma fase de transformação e melhor estruturação para ter seu próprio servidor.

A comunicação no Observatório de Favelas, como explica Thaís Aguiar<sup>27</sup>, responsável por esta vertente, é muito importante e está se consolidando agora. A intenção é formar uma rede de comunicação que envolva a grande imprensa e outros projetos, como a Escola de Comunicação Popular e a Escola de Fotógrafos Popular, estas últimas com o apoio das universidades. O objetivo é que as idéias sobre a favela possam ganhar difusão na mídia, possibilitando um maior e diversificado número de informações sobre estes espaços.

Assim como o Viva Favela, o Observatório procura enfrentar o discurso paternalista e criminalizante sobre as comunidades, e mostrar como estas culturas são muito mais complexas do que se imagina. O olhar preconceituoso impera de maneira tal na sociedade, criando barreiras de classes e de consumo, por exemplo.

Na comunicação do *site* há uma pequena equipe composta por duas pessoas: a jornalista Thaís Aguiar e mais um estagiário, estudante da UERJ que não é morador de comunidade. No momento não há pressão de tempo de produção, pois as reportagens, artigos, notícias e eventos são publicados de acordo com a demanda. A jornalista explica que a idéia é montar uma estrutura devagar, abordando um assunto a cada mês. Os temas a serem tratados na página eletrônica surgem através dos pesquisadores das redes de estudo

---

<sup>27</sup> AGUIAR, Thaís – Em entrevista concedida à Luana Monçores de Lima, 2005.

do Observatório, que dão palpites, sugestões de temas a serem discutidos e fontes para entrevistas, ou ainda , através da pauta que a pequena equipe possa elaborar.

O projeto da Escola de Comunicação Popular reúne um grupo de jornalistas, professores universitários e membros da comunidade, que tem a intenção de organizar uma escola para as pessoas das favelas que queiram entrar para a comunicação. Assim, estas pessoas podem utilizar este espaço para falar sobre as suas vidas e as da comunidade. Além de se tornarem fontes para a grande mídia. Não há a idéia de concorrer com nenhum outro veículo de comunicação, muito menos assumir uma postura separatista. A intenção é comunicar o que a favela tem pra falar.

Thaís Aguiar afirmar<sup>28</sup> que este é o grande problema a ser resolvido entre a favela e a imprensa, a relação dos jornalistas com as comunidades se deteriorou muito por causa da violência. O acesso às informações ficou muito difícil. A falta de tempo para uma boa apuração e o enxugamento do quadro de funcionários das redações também colaboraram para este afastamento. Sendo assim, a criação de páginas na internet como as estudadas pelo trabalho se encaixam perfeitamente neste contexto com a finalidade de reverter este quadro de informações limitadas e estereotipadas sobre as favelas.

O site tem como objetivo fazer esta ponte entre jornalistas e os moradores da comunidade. Ele é mais do que uma assessoria de comunicação, pois utiliza a internet, que possui acesso de pessoas de vários lugares, para divulgar as notícias.

O projeto da Escola de Fotógrafos Populares já gerou frutos. Durante um curso profissionalizante de 4 meses, 22 pessoas de várias comunidades aprenderam as técnicas da arte da fotografia. As imagens produzidas por eles podem ser compradas através do Banco de Imagens do Povo, que possui um *link* no próprio *site* do Observatório de Favelas. Foi elaborada uma agência para a comercialização das fotos, que mostram o cotidiano e a realidade destes lugares. Além da representação na escrita, o Observatório também trabalha com a representação das imagens.

---

<sup>28</sup> *Idem* 27

Também está sendo preparado pelo OF o primeiro número da revista impressa chamada *Saberes Insurgentes*. O propósito do periódico é publicar as pesquisas realizadas pela rede de universitários e pesquisadores, trazendo sempre uma temática a ser discutida, com artigos e reportagens. A princípio, a periodicidade será quadrimestral e o público-alvo estudantes e acadêmicos.

Ao ser questionada sobre o público-alvo da página, a jornalista respondeu “o *site* é maluco mesmo, queremos que ele abranja todos os nichos.” Ela completa sua frase falando que a linguagem do OF ainda não é acessível para todos os níveis sociais, já que traz muito este perfil acadêmico. Thais faz uma pequena comparação entre o Viva Favela e o Observatório de Favelas:

A forma do Viva Favela funciona bem para as comunidades, pois a linguagem é diferente, assim como sua estrutura. Não existem projetos de informática no Observatório. O uso da Internet pelas pessoas que utilizam o nosso *site* ainda é bem precário. Alguns moradores acessam através de seus computadores pessoais, de *lan- houses*, dos laboratórios de informática das universidades em que estudam ou dos lugares em que trabalham.

As redes do Observatório são formadas através de relações informais e espontâneas, baseadas em contatos pessoais e interesses das pessoas que as compõem. Isso permite a parceria e o desenvolvimento de vários projetos em diversas localidades. O que também consente à comunidade conhecer melhor a realidade da outra. Afinal, elas são expostas como um bloco uno e de única imagem, e no entanto, possuem realidades muito distintas entre si.

A jornalista explica que um dos objetivos do Observatório é formar uma rede de comunidades, e trabalhar as suas demandas. Ela ainda completa que isto é muito importante, pois os moradores podem perceber que não estão isolados. Muitos conhecem a dinâmica das favelas mas nem sempre sabem de fato sobre as outras comunidades, como aconteceu com ela mesma.

Eu morei por 17 anos em uma favela chamada Ititioca, no bairro de Santa Rosa, em Niterói. Na época ela era pequena ainda e a violência era mais branda. Com os anos, a vida lá piorou muito por causa do tráfico. Sabíamos que não éramos os únicos, sabíamos como funcionava a vida dentro de uma favela, mas não conhecíamos a realidade de outras comunidades. Você ouve falar das outras, mas não é a mesma vivência. A favela em que eu morava era pequena, não era um complexo como a Maré e a Rocinha.

Ela acredita que o Observatório de Favelas ainda não atingiu a visibilidade necessária, mas muitos projetos já foram realizados e estão fazendo a diferença na vida das pessoas, como é o caso do projeto Conexões de Saberes citado anteriormente.

Questionada sobre o Viva Favela, Thais conta que já trabalhou em um *site* do Viva Rio, e deu sua opinião sobre a produção jornalística deles.

No começo, eu não entendia muito bem a grande demanda de pautas “leves”, sobre as favelas, que colocavam no ar. Acredito que é preciso dar um maior equilíbrio entre os temas de violência e as pautas culturais e de cotidiano. Mas também penso que isto foi uma opção editorial deles. É uma relação complicada com estes dois lados da notícia. O Viva Favela é o orgulho do Viva Rio.

Ela ainda completa dizendo que se hoje o Viva Favela acabasse por algum motivo, eles teriam feito um ótimo trabalho, pois produziram fontes e conhecimentos. O Viva Favela se tornou o orgulho do Viva Rio, pois também é o principal canal que a ONG tem para conseguir recursos e financiamento para seus projetos.

O Viva Favela se transformou em uma vitrine das favelas para fora e para dentro delas também. Um dos meios como as comunidades se vêem nos meios de comunicação. Eles não querem só falar das desgraças, porque a grande mídia já faz este papel.

A crítica feita por Thais às matérias sobre temas brandos no portal, na realidade, já vem sendo discutidas pela equipe do Viva Favela e pelo Viva Rio. Pode-se perceber isto através da fala de Rubem César<sup>29</sup>:

Mas a gente, como está hoje em dia em muita favela fazendo muita coisa, tem muita informação, tem muita história, muito personagem, muita entrada. Problema de entrada sempre e muito difícil. Então, a gente subutiliza, o *Viva Favela* subutiliza a rede Viva Rio nas favelas. É uma segunda crítica que tenho - autocrítica assim que tenho discutido. Vamos fazer isso agora de revisão, a gente vai fazer uma revisão forte do *Viva Favela*. Uma outra coisa que acabou encontrando um caminho que acho muito fácil é a da “favela *nice*”. É o contraponto mesmo. As histórias legais, os personagens bacanas, tudo bem: acho que precisa ter. Mas podia ser mais duro, podia ser mais *punch*, mais atual. É uma revista que tem ritmo próprio. E isso tem a ver com os correspondentes. Eles pisam em ovos em questões de violência. Tem também uma postura defensiva em relação à favela.

No Observatório, os projetos também funcionam com patrocínios e recursos de empresas. Um grupo de estudos se inicia de acordo com a iniciativa de universitários e moradores locais das comunidades, que discutem idéias e elaboram projetos de políticas públicas para resolver problemas destes lugares. O Observatório dá o suporte técnico-pedagógico a estes grupos. Assim, eles se ligam a outros grupos de estudo e formam uma rede, trocando experiências e idéias. Mesmo que um nó destas conexões se dissolva por algum motivo, os contatos ficam e são reativados quando necessários.

Uma pesquisa realizada por um destes grupos fez um levantamento sobre a própria comunidade. O pequeno censo gera dados, e assim são mobilizados instrumentos para a realização da mudança. O movimento de ação é de dentro para fora. Thais afirma que muitas pessoas procuram o Observatório de Favelas para estabelecer parcerias, alguns até de fora do Brasil. Uma pesquisadora dos Estados Unidos e outros pesquisadores entraram em contato para solicitar materiais, artigos e fazer elogios a página.

---

<sup>29</sup> FERNANDES, Rubem César – Em entrevista concedida à Ilana Strozenberg e Carolina Andrade, 2004.

Thais encerra dizendo que o *site* está se reestruturando e lançará uma nova interface em breve, com versão em inglês para ampliar ainda mais a comunicação. E conclui: “o projeto pode abrir caminhos.”

### 3.2 CULTURA GLOBAL E CULTURA LOCAL

Antes de falar como a globalização se tornou um dos tópicos mais discutidos nas últimas décadas, faz-se necessário contextualizar brevemente sua origem histórica. Bernardo Sorj<sup>30</sup> diz que “o mundo se globaliza desde Cristóvão Colombo”. Ou seja, um processo que se iniciou ainda no século XV com as grandes navegações e o mercantilismo, passou pela Revolução Industrial e chegou a nossa época, onde podemos encontrar os processos de globalização na tecnologia, na economia, na cultura, na política e na sociedade. Todo este conjunto se encontra bem desenvolvido, sendo apresentado como um fenômeno incorporado em todas as sociedades. Mas esta longa caminhada deixou marcas profundas, que alteraram estruturas sociais e econômicas, gerou conflitos e a exclusão em seus diversos aspectos. Se por um lado ela criou a aproximação entre os povos e as nações, por outro resultou em exploração de áreas com pouca resistência militar. Podem ser citados como exemplos a criação dos impérios coloniais e a escravização de povos nativos.

A tecnologia e a economia financeira se beneficiaram enormemente deste desenrolar do processo de globalização. Com a eliminação do espaço físico, a vida social (pessoas, instituições, grupos, empresas e etc) começa a se orientar em função de informações, expectativas e desejos inspirados em referências globais<sup>31</sup>. O esforço de se formar uma opinião pública mundial gira em torno do tema da defesa dos direitos humanos e da igualdade social, principalmente ao que se refere à democracia e ao acesso aos bens materiais.

A globalização, como espaço unificado de expectativas de igualdade, justificou o sentimento nostálgico dos indivíduos por uma democracia mundial. Ela em realidade não significa efetiva condição de equidade entre os povos, mas acabou como uma precondição para se pensar as desigualdades em maior escala, que acontece porque o pensamento e os

---

<sup>30</sup> SORJ, Bernardo, 2003, p.11

<sup>31</sup> *Idem* 30

valores de igualdade e solidariedade implodiram as fronteiras nacionais (SORJ, Bernardo, 20, p.12).

A globalização das sociedades é concomitante à construção de uma utopia democrática global pela transformação de corações e mentes em torno do reconhecimento de que toda a humanidade tem direito a usufruir o mesmo patamar civilizatório, mediante o acesso ao conjunto de bens materiais e culturais básicos alcançados pelas nações mais ricas. Quando o movimento antiglobalização denuncia, por exemplo, a crescente distância entre países pobres e ricos, este discurso tem como condição de possibilidade a crença, globalmente compartilhada, de que todos os habitantes do planeta, independentemente de país, cultura, religião ou qualquer outra identidade pessoal, possuem o direito de compartilhar o mesmo conjunto de bens fundamentais.

Ela não é a causa de todos os males do mundo, na verdade foi um dos instrumentos para diversos acontecimentos positivos e negativos. À medida que é utilizada como meio de poder excessivo das empresas multinacionais e do capital financeiro, os conceitos de igualdade e direitos humanos se fortalecem e se espalham por todo o mundo. Um bom exemplo é a oposição do Fórum Econômico em Davos e o Fórum Social em Porto Alegre<sup>32</sup>.

Para Paulo Carrano (CARRANO, Paulo, 2002, p.94), a idéia de que a globalização seja produzida por forças inumanas precisa ser superada. Pois tudo irá depender da ação de sujeitos reais com referências locais, e não da mão invisível de um mercado em atuação global. Ele pressupõe ainda que o global desperta o poder e a força do local.

Quero dizer com isso que todo processo de globalização é resultante de ações de sujeitos concretos e que possuem referências locais. Da mesma forma, toda globalização interage com uma localidade que não se apresenta apenas como um ente passivo; pelo contrário, as redes do lugar podem opor resistência aos fluxos de tendência dominante. A ordem

---

<sup>32</sup> Os dois Fóruns acontecem simultaneamente a cada ano. O Fórum Social Mundial nasceu como uma grande crítica e contraposição à visão neoliberal e capitalista do Fórum Econômico Mundial, na tentativa de propor soluções e alternativas para um modelo econômico mais justo socialmente.



global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contigüidade.

Isso não restringe o indivíduo de buscar outras culturas e até identificar-se com elas. Não é só de resistências que estas relações se estabelecem. A tradição preconiza a manutenção de ritos e padrões de uma determinada cultura, e muita das vezes serve de obstáculo ao sujeito que deseja controlar suas próprias ações e produzir novos sentidos existenciais diferentes dos da sua comunidade ou origem (CARRANO, Paulo, 2002, p.98).

As possibilidades dos sujeitos controlarem a própria ação, produzirem sentidos existenciais diferenciados de suas famílias e comunidades de origem e indeterminação frente ao futuro são traços marcantes dos cotidianos das sociedades complexas. Isso faz diferença frente àquelas sociedades nas quais a ação social e os sentidos simbólicos encontram-se ligados ao binômio produção/natureza e aos fortes vínculos com a tradição. Neste sentido, a descontinuidade apresenta-se como um dado da vida individual contemporânea. O indivíduo não apenas reproduz os traços de hereditariedade e tradição de sua comunidade de origem, mas vive continuamente a capacidade de redefinir-se.

As teorias sobre a globalização<sup>33</sup> apontaram o avanço da cultura norte-americana e a homogeneização da cultura mundial. O mais fraco político e economicamente tenderia a não resistir à pressão externa modernizadora do capital. Mas o que pode ser pensado, diferente destas teorias, é que a globalização não produz a homogeneização e sim nos torna familiar com a maior diversidade possível das culturas locais. Uma consequência paradoxal, diferente do que se havia pensado com a teoria da modernização, que propôs um modelo que consiste na seguinte premissa: com o avançar da modernização das nações não-ocidentais, elas subiriam hierarquicamente, absorvendo e reproduzindo a cultura dominante. Com efeito, a história ocidental sempre foi a história universal do mundo. Este

---

<sup>33</sup> FEATHERSTONE, Mike, 1997

padrão foi quebrado com a globalização que fez emergir as culturas locais, e trouxe à tona seus questionamentos e identidades.

Esta teoria perdeu seu poder explicativo a partir do momento em que nações orientais, como o Japão e a China, ganharam força e poder econômico, contrariando o pensamento ocidental. Quem antes era visto como o “outro” começa a olhar da mesma forma. O Oriente, antes posto em um bloco único, cheio de referências e estereótipos da ordem do exótico, começa a ganhar força e a mostrar que há dentro deste grupo diversas identidades e tradições. O outro depende agora do referencial (FEATHERSTONE, Mike, 1997, p.127).

O senso de que para o mundo existem histórias plurais, de que existem culturas e particularidades diversas que foram excluídas do projeto universalista da modernidade ocidental, mas que agora afloram, a ponto de lançarem dúvidas sobre a viabilidade do projeto, é um desfecho particular da atual fase do processo de globalização.

Estes conceitos e idéias ajudam a pensar a relação favela/urbano. Antes dos movimentos sociais tomarem força e credibilidade na sociedade, a favela era vista pela imprensa e pelos “cidadãos” do estado do Rio de Janeiro como um grande bloco homogêneo de única identidade e referência, baseadas na miséria e na violência. Todos os esforços destes movimentos culminam na idéia de inverterem esta lógica do “outro”, da mesma forma como aconteceu entre o Oriente e o Ocidente, somente reduzindo a escala dos sujeitos envolvidos. Ao ganharem visibilidade e força com os movimentos sociais, as favelas e as comunidades de baixa renda, de um modo geral, fizeram ressurgir suas identidades culturais, e porque não, parte de sua auto-estima. A segmentação conceitual entre o espaço urbano e o espaço da favela não existe, a favela faz parte da cidade, assim como seus moradores também. Mas suas culturas se desenvolveram com particularidades, como é o caso do *funk* e do *hip hop* nas favelas cariocas. Muito diferentes dos estilos musicais norte-americanos, eles se tornaram umas das principais produções e identidades culturais das favelas nos últimos tempos.

Featherstone (FEATHERSTONE, Mike, 1997, p.129) acredita que um maior fluxo entre culturas distintas não resulta necessariamente em uma maior tolerância entre os

grupos. Aplicando o seu conceito ao caso da “cultura das favelas” e ao da “cultura do asfalto”, é fato que apesar de todos os esforços dos movimentos sociais e das iniciativas do Viva Favela e Observatório de Favelas, a aproximação real não ocorre com “forte impacto”, possivelmente até mais pela questão do domínio do crime organizado sob as favelas do que somente pelo preconceito. Mas, como falado anteriormente, estas duas iniciativas já conseguem dar ao leitor uma nova perspectiva sobre as comunidades, revertendo a lógica do “outro”.

Não se quer dizer com isso que os fluxos culturais intensificados resultarão necessariamente em maior tolerância e cosmopolitismo. Uma familiaridade crescente com o “outro”, seja através de relações face a face, seja através de imagens ou representações da visão de mundo e da ideologia do outro, poderá levar igualmente a um perturbador sendo de imersão e envolvimento. Isso poderá resultar em um recuo diante da ameaça da desordem cultural, buscando-se abrigo na segurança da etnicidade, do tradicionalismo e do fundamentalismo, ou na afirmação ativa da integridade da cultura nacional, em se tratando das disputas de prestígio cultural global.

Uma cultura local é vista como algo oposto ao global. Este conceito é usual para se referir a um espaço pequeno, onde os indivíduos possuem um relacionamento diário e pessoal. O conhecimento comum, a organização do espaço, natureza, construções, coisas que persistiram ao longo de um tempo, símbolos, ritos, cerimônias, e outros pontos fazem com que as pessoas, ligadas por este contexto, tenham um passado em comum. A partir do momento que o mundo passa a ter um conceito de local, o conceito de cultura local se torna relacional. Quando um indivíduo convive com uma cultura muito distinta da sua, a tendência é que com o passar do tempo ele ache pontos em comum. Mas se a mesma situação acontece em uma cultura com relativa proximidade, o sentimento de pertencimento é maior. Nas favelas não é diferente, quem é de fora ao entrar nestes espaços é visto com muito mais receio e desconfiança. Isto justifica a atitude do Viva Favela de utilizar correspondentes comunitários para reportar as notícias das comunidades, e o Observatório de Favelas de utilizarem as redes de estudos com moradores locais. Assim, ao realizar uma

entrevista ou pesquisar sobre os moradores das favelas, os correspondentes e os universitários conseguirão penetrar melhor neste mundo, porque os entrevistados terão maior confiança de que sua fala será reproduzida o mais fiel possível, pois afinal são as pessoas que eles convivem cotidianamente que a tornarão pública. A grande imprensa será sempre vista com desconfiança pelas comunidades, a não ser que mude seu discurso estereotipado.

As “imagens de nós” e as “imagens deles”, que são geradas no interior das dissensões locais, a fim de formar uma identidade e excluir os de fora, não podem ser desligadas da densidade da rede de interdependências entre as pessoas. Tais disputas entre grupos estabelecidos e grupos de fora tornar-se-ão portanto mais comuns à medida que se ampliam os contatos com os outros, o que traz, com maior frequência, grupos de forasteiros para o âmbito das instituições locais.

A imprensa tem um importante papel na democracia. Ela contribui para perpetuar um determinado senso comum dominante, por isso ela precisa rever os seus tratamentos para as matérias, quebrando determinados preconceitos que não acontecem só com o tema favela, como também em outros assuntos. Isso é uma reformulação de conceitos que deveria atingir não só a formação dos jornalistas, mas também os sujeitos que compõem a sociedade. Pois mesmo que ele não pertença ao grupo aqui discutido, o dele também poderá sofrer destes estereótipos em algum momento. (CARRANO, Paulo, 2002, p.104)

É preciso afirmar que quanto mais a imprensa for refratária com a democratização social mais ela vai se canal de expressão dos setores dominantes de nossa sociedade. Essa questão está na base da democratização da própria sociedade e não apenas da reformulação dos cursos de jornalismo... Em verdade, o que devemos discutir é a necessidade de se ampliar o controle democrático sobre os meios de comunicação.

#### 4 - JORNALISMO ONLINE E FAVELAS

Sabe-se que a Internet ajudou muito a atuação de projetos sociais, pois ela descentralizou as ações, diminuiu custos e dinamizou a divulgação das informações. O propósito deste capítulo é discutir como este jornalismo sobre favelas está sendo construído através do suporte da Internet.

Para começar, os *sites* estudados aqui estão estruturados de maneira diferente das páginas jornalísticas tradicionais, pois não são divididos em editorias, mas sim em seções, o que diferencia muito a maneira como os assuntos são abordados. Diria até que há apenas uma editoria: a favela, o que os define automaticamente. Mas cada um possui suas especificidades e diferenças.

O portal, assim como a revista semanal Comunidade Viva possuem toda uma estrutura de jornalismo para a produção do periódico eletrônico. O Observatório de Favelas alimenta sua página com notícias sem periodicidade, agindo apenas de acordo com a relevância do que querem publicar. São propostas distintas, mas ambas trabalham com a informação jornalística.

Na época da pesquisa, a reunião de pauta<sup>34</sup> do Viva Favela não poderia ser diferente de sua estrutura organizacional. Debaixo de uma árvore, com as cadeiras dispostas em círculo ficam sentados a maioria dos membros da redação: correspondentes comunitários, editoras, subeditoras e redatora. Diferente dos meios tradicionais, a pauta é feita pelo grupo e não apenas pelos editores ou chefes de reportagem, muito menos por um pauteiro. A construção da revista é coletiva do começo ao fim.

Quem guia a reunião é a editora, que se remete a cada um dos participantes e pede que eles exponham suas idéias ou façam uma avaliação das pautas em andamento. É neste momento que vemos a importância do olhar de quem mora na comunidade. Surgem fatos, idéias que as próprias editoras não conseguem visualizar ou imaginar a sua existência. Quando a pauta não é muito clara são pedidos mais detalhes, ou se elas percebem que podem dar uma boa matéria pedem uma maior apuração dos correspondentes, avaliam riscos, certezas, importâncias e focos. Se aceita, é só começar a produzir. Em algum momento um correspondente não sabe o que oferecer, mas o outro ao lado sabe de algo em

---

<sup>34</sup> Esta descrição é baseada em uma participação pessoal em uma das reuniões de pauta do Viva Favela.

sua comunidade que também pode acontecer na dele, e reconhecido o fato, está lá mais uma pauta. O processo é simples e todos estão sempre atentos a novas idéias, mesmo que elas estejam acontecendo em outro espaço.

Os correspondentes encontram as mesmas dificuldades de jornalistas da grande imprensa, como: o relacionamento com fontes, a conquista da credibilidade e a corrida contra o tempo para elaborar a matéria. Mas todo o esforço é recompensado com o reconhecimento e a confiança que os moradores depositam em seu trabalho, já que as reportagens costumam circular pelas comunidades através das rádios comunitárias, folhas impressas que são distribuídas pelos moradores com acesso à Internet, a reprodução (que acontece com periodicidade) da matéria do jornal O Dia ou até mesmo através das associações comunitárias.

Uma boa pauta é o bom começo de uma boa reportagem, mas tudo depende do trabalho do jornalista, como explica Nilson Lage (LAGE, 2002, p.35) :

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight*: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos.

Geralmente os assuntos giram em torno do pitoresco, das iniciativas sociais, histórias sobre personagens, fatores do cotidiano destes espaços e até mesmo transposições de realidade (o que acontece no asfalto também acontece na favela). A proposta do *site* é justamente reverter este quadro de pautas relacionando crimes, violência e pobreza às favelas, mas não é por isso que são abolidos estes temas. As pautas sobre violência<sup>35</sup> também estão na revista eletrônica, mas são construídas de maneira diferente. Há toda uma contextualização dos personagens ou dos fatos. A denúncia também aparece, muitas das vezes dando furos jornalísticos, que serão “comprados” pelas grandes redações. Enfim, todos os temas estão ligados com as comunidades ou as tem como pano de fundo.

---

<sup>35</sup> Ver anexos

Diferente do que pregam as redações de importantes jornais *online*, as reportagens do Viva Favela são grandes. Não haveria sentido fazer textos curtos e objetivos sobre as comunidades, já que o propósito é justamente abrir um espaço para se falar sobre o que não aparece na mídia tradicional. Obviamente, para uma melhor leitura do internauta, as páginas possuem uma média de caracteres.

Geralmente, as reportagens são acompanhadas por fotos feitas pelos correspondentes comunitários fotógrafos. As imagens conseguem equilibrar momentos de emoção e momentos apenas de descrição dos ambientes, também podem ser encontradas imagens previamente “montadas” ou descontraídas, no que se trata da composição e enquadramentos são bem criativas e não diferem tanto das fotos dos jornais tradicionais, o que demonstra o profissionalismo e olhar fotográfico dos correspondentes.

A revista do portal com frequência serve de pauta para os grandes jornais e/ou interferem em políticas públicas dos governos. Estes são resultados interessantes do potencial que estas informações conseguem atingir através da Internet.

O jornalismo produzido pelo Observatório segue a linha crítica de ensaios opinativos, mas não deixa de produzir reportagens e entrevistas. A estrutura é diferente do Viva Favela, assim como a sua estratégia de comunicação e produção de informações. A maior parte da produção do *site* está voltada para a reflexão e produção intelectual e acadêmica.

Pode-se encontrar nas seções a assinatura de professores universitários ou pesquisadores de instituições muito representativas. As reportagens, artigos e notícias, como citado anteriormente, são temáticas. Um único assunto permeia todas as discussões que podemos encontrar na página. As matérias e notícias não aparecem com fotos, apesar do Observatório possuir um banco de imagens. A redação não é tão estruturada como a do Viva Favela, pois além de estar se estruturando aos poucos, não possui a mesma lógica jornalística do Viva Favela. Apesar do pequeno time da comunicação, conseguem pautar grandes jornais e também exercem o papel de fontes.

O que pensar sobre estas duas mídias, cada qual no seu tempo e estrutura, mas com o mesmo objetivo: a favela é mais que violência. Elas se complementam pois produzem informações de níveis e diferentes teores, e de alguma forma conseguem passar a imagem

das comunidades como produtoras de conhecimento, ativas em seu cotidiano e vítimas, sim, da violência e da falta de políticas públicas eficazes dos políticos.

As “vítimas da exclusão” estão por elas mesmas rompendo com estes estereótipos e agindo para seu próprio benefício. Há uma importante mudança de atitude, pois não se espera mais pela intervenção governamental, os moradores locais estão indo atrás de seus direitos, organizando-se seja em grupos de estudo, iniciativas de comunicação dentro das próprias comunidades e desenvolvendo projetos para os que habitam nestes espaços.

É válido lembrar que a grande mídia não está contra o crescimento destes movimentos jornalísticos e sociais, muito menos se trata de uma postura cínica destas grandes empresas. Há uma lógica do capital que precisa ser combatida, pois o argumento é de que os jornais só vendem se na pauta do dia estiverem os estereótipos sociais, bem marcados e mastigados, superficializados pela ausência de seus contextos históricos. E se por um lado há a pressão dos grandes grupos, pelo outro estão os leitores-telespectadores que consomem estas informações deficientes. Não se pode tratar este assunto de forma maniqueísta, onde empresários da comunicação são os vilões da degradação da cultura e da sociedade, e os consumidores-leitores-telespectadores são as vítimas injustiçadas de um sistema vil. A comunicação é uma via de mão dupla, com *feedback*. Somamos a isto a falta de uma educação sólida e forte no Brasil e os incontáveis problemas sócio-econômico-culturais que enfrenta o país. O resultado não poderia ser dos melhores. Mas isto já é outra discussão.



## 5 – CONCLUSÃO

A comunicação social tem como seu princípio básico o dever de informar ao indivíduo todos os fatos relevantes e substanciais a sua vida. Mas, na prática vemos que o jornalismo, principalmente o da grande imprensa, escolhe o que vai ser divulgado de acordo com uma lógica de mercado, baseada na concorrência e nos altos lucros. Obviamente, continua-se informando ao grande público notícias de grande relevância e de variados temas, como: política, economia, mundo, moda, cultura, cidade e etc. Entretanto, nem sempre a pauta privilegiada, estampada nos jornais ou na televisão, é a mais “importante” do dia.

Nesse contexto, a fala das elites se sobrepõe a fala das comunidades de baixa renda. Há uma redução de espaço na mídia. Somado a isso, uma repetição de estereótipos sociais. O fato, seja de que editoria for, na maioria das vezes não é acompanhado de uma contextualização, o discurso (que deveria ser em teoria objetivo) vem carregado de subjetividades, adjetivos e expressões que falam da favela sempre sob a mesma ótica: a miséria e a violência.

A internet chegou para mexer com as estruturas deste jornalismo fechado a alguns segmentos sociais. Ela não traz uma revolução, mas sim novas possibilidades e estratégias para se amenizar as diferenças de acesso à informação, e conseqüentemente as diferenças sociais. Com o avanço tecnológico, a redução de custos e o crescimento do Terceiro Setor, um ambiente propício foi se formando para que idéias como as das páginas estudadas aqui fossem colocadas em prática.

A redução da desigualdade, seja em qualquer tema onde estiver situada, ela passa pela questão do acesso: aos bens de consumo, às práticas cidadãs e políticas do indivíduo, à informação, à educação e saúde, à cultura e etc. O projeto do Viva Favela e do Observatório conseguiu reunir vários desses aspectos, colocando em prática um projeto de inclusão social que abraça e tem compromisso com o desenvolvimento do indivíduo. Saindo também da concepção assistencialista, mas (para utilizar uma conhecida expressão) ensinando a pescar em vez de dar o peixe. Além da promoção profissional que a pessoa possa ter, há também o trabalho de autoestima destes comunicadores e pesquisadores, assim como das comunidades que representam.

Foram feitas aqui críticas sobre uma lógica de mercado que muito influencia o planejamento e as ações da mídia como um todo. Mas é importante ressaltar que a comunicação no Terceiro Setor e a imprensa comunitária estão ganhando espaço e abrindo novas possibilidades de emprego para profissionais da comunicação, além de aproximar a população da favela do hall acadêmico e universitário. Vivemos em um momento de enxugamento de quadros de funcionários, redações cada vez menores e com menos verbas para investirem em determinadas pautas, e sobretudo, nos profissionais. E são estes comunicadores que estão procurando novas alternativas de trabalho e se envolvendo cada vez mais com o universo das comunidades de baixa renda. Acredito que, muita das vezes, num misto de realização pessoal (por intervir na realidade destes espaços) e necessidade profissional. Ainda são poucos, mas já fazem um bom “barulho”.

Outro aspecto interessante é o pragmatismo, já que este tipo de mídia requer esforços não pensados para quem trabalha em uma empresa de comunicação bem estabelecida. Na maioria das vezes, este profissional além de realizar todo o seu trabalho cotidiano, como: pautas, produção das matérias, entrevistas e etc; ele também precisa se preocupar em garantir patrocínios e investimentos de empresas no projeto. É uma luta constante para não deixar o trabalho morrer. Isso provavelmente leva a uma maior luta social, envolvimento com estas questões e reelaborações de opiniões, conceitos e estratégias para atingir o objetivo: mostrar uma parte da sociedade que não aparece como deveria aparecer na grande imprensa.

A união do jornalismo com as comunidades de baixa renda e com as ONGs traz resultados positivos. Não muda estruturas hegemônicas, mas interfere nelas, através dos novos fluxos de informação e das novas fontes e olhares que este novo jornalismo produz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

FEATHERSTONE, Mike – **O desmanche da cultura : globalização, pós-modernismo e identidade**, edição Livros Studio Nobel, Sesc-SP, 1997, p.123 a 142.

LAGE, Nilson – **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2002, pág. 35.

LÉVY, Pierre – **O que é o virtual ?**, São Paulo, editora 34, 1996, p. 35 a 50.

SORJ, Bernardo – **brasil@povo.com : a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**, 1ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, 176 p.

VAZ, Paulo – **As esperanças democráticas e a evolução da internet**, Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, nº 24, julho de 2004, p.125 a 138.

VELHO, Gilberto – **Projeto e Metamorfose**, capítulo 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

VIANA, Eduardo de Carvalho – **Para um manual de redação do jornalismo on-line**, Cadernos da Comunicação : série estudos, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001, 70 p.

### Outras Referências

AIBE, Mayumi Senra – **O caso do portal Viva Favela: o jornalismo a serviço de uma nova pauta**, monografia, ECO/UFRJ, 2004.

AGUIAR, Thais – Entrevista concedida a Luana Monçores de Lima sobre o Observatório de Favelas, maio de 2005.

ALMEIDA, Cássia. RIO, o estado mais favelizado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 fev. de 2004.

BENSUSAN, Rosana – Entrevista concedida a Ilana Strozenberg e Carolina Andrade, 2005. Acervo PACC/UFRJ.

CARRANO, Paulo César Rodrigues – **A sociedade em redes**, Comunicações do ISER, 2002, p. 91 a 105.

COILLER, Carlos – *Uma Ponte Virtual*, 2004. Disponível em: [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br). Acessado em abril de 2005.

FERNANDES, Rubem César – Entrevista concedida a Ilana Strozenberg e Carolina Andrade, 2004. Acervo PACC/UFRJ.

RÁDIOS COMUNITÁRIAS – na Internet, **cartilha nº 5**, Edição Viva Rio/ UNESCO, s/ data de publicação

RAMALHO, Cristiane – **Favela tem memória**, Comunicações do ISER, nº 59, ano 23, 2004, p.74 a 77.

RAMALHO, Cristiane e OLIVEIRA, Tetê – Entrevista concedida a Ilana Strozenberg e Thereza Cristina França Corrêa, 2003. Acervo PACC/UFRJ.

RETRATO Matemático, **Viva Favela**, Rio de Janeiro. Disponível em [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br). Acesso em: 10 abr. 2005.

UMA Bomba-relógio, **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 out. de 2003.

VALPORTO, Oscar - Entrevista concedida a Luana Monçores de Lima e Mayumi Senra Aibe, 2003. Acervo PACC/UFRJ.

### **Fontes eletrônicas**

VIVA FAVELA – [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br) , 2005.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS – [www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br) , 2005.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM TETÊ OLIVEIRA E CRISTIANE RAMALHO, DO PORTAL VIVA FAVELA, NO DIA 8/08/2003.

Por Ilana Strozenberg e Thereza Cristina C. França.

### **Cristiane Ramalho**

Lá atrás, ele foi pro ar em julho de 2001. O processo, claro, começou antes. Começou-se a pensar em um projeto de conteúdo também, na internet, um portal que fosse voltado para comunidades de baixa renda. Isso surgiu lá nas telesalas do VivaRio, onde perceberam que tinha que ter também computação, também internet.

### ***O que são as telesalas?***

As telesalas são um mega-projeto do Viva Rio, na área educativa, voltadas para o 2º grau, para o supletivo. Justamente, para os jovens que saíram da escola, que abandonaram a escola e que estão neste período crítico: que você não está trabalhando, e que você não tem uma formação adequada. Tem parceria com a Fundação Roberto Marinho, não posso te falar com detalhes, pois eu não domino, é outra área. Mas é um projeto maravilhoso. Lá atrás, antes do xxx zero, percebeu que precisava xxxx esta área de educação e internet, e aí se percebeu que poderia desenvolver alguma coisa nesta área de inclusão digital e comunicação comunitária. Porque o Viva Rio tem uma rede muito grande de penetração nas comunidades, nas favelas. Ai faz-se parcerias com a Igreja – não importa qual é a linha religiosa – com associações de moradores. O importante é juntar com alguém sério, que está trabalhando numa linha parecida, de percepção social que se casa com a nossa, e aí você vai em sintonia e começa a trabalhar. Tem o Balcão de Direitos, que é uma outra área, dos direitos humanos, tem esta assistência jurídica nas favelas contando com os moradores. Então, a gente usou um esta rede um pouco pra concepção do que seria o Viva Favela.

A gente começou com 10 correspondentes de texto e 5 correspondentes de pauta. E o grande barato, que são essas pessoas que são moradores das comunidades, que tem essa visão, esse olhar da comunidade e que conseguiram produzir um tipo de jornalismo que a gente nunca teve. E esse é o nosso diferencial, porque na verdade o que o jornalista tradicional faz, ele vai lá e sai correndo. A gente entra escoltado pela policia ou na melhor da hipótese, no jornalismo recente, é você entrar para ter um resultado, ai você entra escoltado pela ONG e depois sai correndo.

Esse olhar que eles têm por morarem lá, ninguém tem. Ninguém tinha. A gente também achava que havia um desinteresse, um descaso. E que hoje, a gente vê que era uma falta de percepção, uma dificuldade intrínseca das mídias tradicionais de produzirem esta cobertura. Tanto que a gente virou fonte de pauta para a mídia tradicional. A gente está percebendo que existia sim uma demanda. E tem um grande interesse, gigantesco, como o retorno de escolas, mídias, escolas particulares que usam nossos textos. As pessoas querem saber como se vive na favela. Elas querem ver lá dentro. Como é que se mora, como é que se vive. É um espaço da cidade muito misterioso ainda. Muito temido, por causa da violência. A cada reunião de pauta a gente percebe que a gente não sabia cobrir mesmo. A gente tem duas redações paralelas, duas redações que se casam. Em média, somos 28/30 pessoas: metade de favela e a outra metade de jornalistas formados. A concepção é trabalhar em parceria .

### ***E essas favelas são várias?***

Temos oito favelas incluindo os complexos, você tem desde Tuiti que é pequenininho até o Complexo do Alemão, Complexo da Maré que são 16 favelas, milhares de comunidades são micro universos ali dentro ( às vezes divergentes entre si por problemas com facção e tal). E duas pessoas que cobrem a Baixada que são dois fotógrafos.

### ***Todos da comunidade?***

Todos da comunidade.

### ***Eles já eram fotógrafos? Ou eles viraram?***

Não, os fotógrafos muitos já tinham participação, faziam casamentos, já tinham uma prática. Por exemplo, no morro do Alemão, ele já fazia fotografia pra ganhar dinheiro lá. O da Maré trabalhava no CEASM, que é uma ONG maravilhosa, já tinha feito curso e tal, mas profissionais. Cada um tinha uma experiência em realidades diferentes.

### ***E o que escrevem?***

O que nós procurávamos eram pessoas que tivessem penetração na comunidade, que tivessem um bom trânsito, essa preocupação de transformação social de alguma maneira, não-partidária. De se meter, ir na Associação de Moradores, mídia local, pessoal da rede comunitária ajudou muito. O coordenador da Rádio ajudou nesta seleção pra caramba. Não é fácil formar uma turma destas. E para essa perspectiva de capacitação eternamente. Houve umas semanas de aulas e depois a gente vem capacitando a cada semana.

***E vocês vão capacitando outras pessoas também?***

Não, nós já temos essa turma fechada, que já é um trabalho. É uma demanda muito grande. Nós temos reunião de pauta uma vez por semana que é o momento no qual a gente se encontra. E na sexta é o momento de reunião da redação jornalística daqui. A ideia é sempre estar trocando.

O Viva Favela fez dois anos em julho. O primeiro ano foi de estruturação e montagem. Teve um grande patrocínio da Globo. Com para alavancar nesse primeiro momento. No segundo momento, havia também um patrocínio da Petrobrás, via Fia (Fundação da Infância e Adolescência), que trabalha muito esta questão do jovem, da cultura jovem, tem sites de hiphop. Nesse terceiro momento, agora, para esse próximo ano a gente está batalhando grana. Em busca de financiamento e o que a gente quer fazer agora é focar mais nessa expansão da mídia local. A gente tem retorno, eu recebo e-mail de gente de favela, estamos recebendo pautas.

***Vocês têm retorno da própria favela? Porque tem mais escassez...***

Claro, exatamente isso. A gente sente que é muito difícil fazer a penetração nas favelas. Aonde a gente tem estação Futura já é uma rede que reforça. São projetos diferentes mas funcionam como irmãos. Então o que a gente está querendo fazer é trabalhar mais essa recepção de mídia local, ampliar essa rede e publicar matérias em parceria, não importando se é escrito ou se é rádio. Nós também utilizamos a rede das rádios comunitárias. TV Rocinha já pediu parceria querem fazer um programa com estagiários e colocar toda favela em debate. Nós queremos entrar na favela seja por que for. O conteúdo da gente tá pra ser aberto. Nós estamos fazendo uma pesquisa aonde e em quem a gente está chegando. De que maneira? A gente ainda está resolvendo, é conversar com o pessoal que tá tocando isto. Faz parte do nosso financiamento, é o retorno para o nosso financiador. E isto está sendo feito a toque de caixa. Nós temos uma série de demandas para poder direcionar.

***Vocês entrevistam pessoas da comunidade ou da mídia em geral?***

Não sei ainda como vai ser esta pesquisa. Na verdade queria ter orientado isto desde o início. Mas, enfim, esquece, apaga isso, porque... (risos)

***Não, eu já estava pensando em colocar meus alunos para trabalhar (risos) Fazendo pesquisa, ué? Por que não? (risos)***

Isso era uma coisa que já devia estar sendo feita, não sei como está sendo feita... Na Rocinha nós temos um correspondente de texto e um correspondente de foto. Enfim, nós temos vários vínculos paralelos.

***Mas não tem nenhuma ligação específica com a Rocinha?***

O que você está pensando...?

***Havia uma participação da Rocinha, era maior...?***

Não necessariamente, o que tem assim é uma Estação Futura na Rocinha, que é maravilhosa.

***É que foi um dos primeiros lugares a ter...***

É exatamente, o primeiro. O Carlinhos que foi nosso correspondente, “repórter sem diploma”, que a gente chama. Ele é um super líder comunitário hoje, coordenador da área de segurança pública. Ele foi crescendo dentro do Viva Rio. A Rocinha é naturalmente o cartão postal das favelas, um lugar mais fácil, mais tranquilo, mais próximo. Mas nós queremos expandir cada vez mais para o que está fora do alcance. É muito fácil chegar na Rocinha, a gente quer chegar aonde é mais difícil.

***Como é a ligação da Rádio com o portal?***

A gente abriga, a gente hospeda o site da Rede Viva Favela, que é essa rede de rádios comunitárias online.

***Ela começou a partir do portal?***

A rede sim. Aí ela acabou se desdobrando na rádio que é uma coisa concreta que é a rádio Viva Favela, que ocupou a faixa do dial que era da Mundial – que é uma parceria também com o sistema Globo, que eles tinham só jockey, aí a gente propôs e eles acharam legal, e aí hoje está nesse momento de definição no quê que será. É engraçado que nós entramos com a nossa programação que é para a comunidade, e de repente entram os cavalinhos. (Risos) Tudo o que for de rádio você deve falar com o Tião, que é o pai do projeto e sabe tudo.



### ***A rede foi uma proposta do portal?***

A rede foi uma idéia do Viva Rio, eu não diria do portal. Foi uma coisa que surgiu e muito do Tião. O Tião é o homem da rádio. Ele é o pai de todas estas idéias. Ele é a pessoa ideal para falar, sabe quantas, como. Tudo o que é feito de rádio passa por ele.

A concepção do portal partiu da cabeça do Rubem, do Xico Vargas (hoje um dos editores do NoMinimo), que fica do outro lado da rua, dentro da Rio Filmes. O Xico era um dos grandes do JB. Era dessa turma do Jorge Pinheiro, Marcos Sá Corrêa e hoje ele está no NoMinimo e ele ajudou nessa formação inicial. Agora eu não estava aqui nesses primórdios. Eu entrei quando o Xico estava saindo, justamente em julho quando o site foi para o ar. Eu acho que vocês podem falar com ele... Todo mundo é parceiro. Todo mundo é pai da criança. Tá cheio de pai a criança, né?!

### ***E essas parcerias?***

A gente acabou de fazer parceria com o Porta-Curtas, que é um projeto apoio da Petrobrás para dar visibilidade aos curta-metragens brasileiros. A gente procura fazer isto, porque eles abrigam vários curtas, que nos interessa. E a gente procura sempre...

### ***Tetê Oliveira***

Patrocinadores são na verdade os financiadores que sustentam o portal e possibilitam que a gente ande. E parceiros podem ser tanto aqueles que a gente coloca na nossa página em troca eles colocam na homepage com uma chamada nossa para atrair tanto o público deles para gente quanto o nosso para eles. E aí nessa parceria a gente escolhe. Por exemplo, no No, a gente manda para lá alguma chamada que a gente acha interessante. Alguma chamada interessante, que tenha a ver, que atraia o público do NO. A gente vai lá na página, e vê mais ou menos o que poderia ser. O NoMinimo tem um público que não tem muito a ver com o nosso. Tem certos artigos, coisas que pra gente não faz muito sentido. Mas tá sempre variando. Às vezes vou lá e pego o que é interessante pra gente, e eles deixam em total liberdade.. Essa parceria com o NoMinimo é só de troca de matérias.

Ou então, nós temos parceiros que não aparecem na nossa página. Que parcerias são essas? São pessoas, sites que normalmente pedem para reproduzir nossas matérias. Aí a gente cede, o critério é: vocês tem que dar o crédito. E normalmente, vai ter antes, o que é esse portal, o que é esse site. Aí varia de tudo, tem desde sites de hip hop, que de repente

viram alguma coisa de interessante e vai lá e coloca, até sites de ONG. Cidadania E é um quem tem reproduzido com frequência. Eles vão escolhem alguma coisa, e põe lá...

A gente também tem alguns portais de ONGs que a gente tem trabalhando fora do país. Parcerias antigas que a gente vai descobrindo por acaso porque a gente não tinha muito esse registro. Eles convertem para o inglês e, as vezes, eles põem na versão inglês e português. É uma coisa freqüente.

Nem sempre nós sabemos quem está pegando nossas matérias porque na internet é um mundo onde todo mundo é um pouco dono e ai gente descobre por acaso. Se as matérias que nós descobrimos estiverem sem crédito, a gente entra em contato e para ver se está de acordo com a filosofia do projeto. Normalmente são sem fins comerciais. Mas, normalmente não tem problema nenhum. São parcerias que não aparecem no nosso portal mas nós sabemos que existem.

Nós temos parcerias com o ODIA, por exemplo. O DIA tem um espaço que ele cede gratuitamente e aos sábados, na página dois para reproduzir uma matéria nossa. Somos nós quem mandamos as matérias. Normalmente, nós mandamos duas para eles escolherem. Ai é claro, é espaço de jornal, a matéria é bem menor do que a que a gente manda. Eles editam. As vezes, também a matéria não sae. A gente chega lá e na hora H, aconteceu um tumulto, um acidente, uma enchente... aí aquele espaço é o primeiro a ser cortado, é claro. Mas costuma sair.

O Oscar Valporto, que está lá no ODIA, ele trabalhou aqui também no Viva Favela durante um tempo. Ele foi do projeto. Então, ele tem todo esse carinho pelo projeto. Ai quando ele foi pro ODIA, ele agilizou isso para o pessoal. Esse espaço é cedido gratuitamente para o Viva Favela. A gente também procura mandar matérias que tenham mais a ver com eles, que não sejam da cobertura diária deles, que tenham interesse mais de comunidade porque aí é uma coisa que eles não têm muito acesso.

Todos que trabalham no núcleo da Glória são jornalistas. ( fala do Eugênio, Cristiane, Kita Pedroza...).

***E vocês trabalham todos aqui?***

É, às vezes sai faz um “freela” para outros jornais. Os correspondentes comunitários são nossos repórteres...

### ***E eles são voluntários...***

Não, os correspondentes e os repórteres recebem os mesmos direitos que os jornalistas formados. Eles têm o mesmo direito que eu tenho, eles recebem salário sim. A pauta é feita semanalmente, toda segunda-feira com os correspondentes. Ai eles trazem as idéias e vão dizer como estão as pautas, ou vão nos trazem matérias prontas da semana. E se não trouxer porquê não trouxe, em que pé está... Sugerindo novas pautas.. Nós discutimos o conteúdo jornalístico porque muitas vezes eles têm coisas maravilhosas nas comunidades deles e não sabem disso porque é do dia-a-dia deles, e eles passam por aquilo o dia inteiro e aquilo não chama a menor atenção. Às vezes é a última sugestão: “mas tem isso. Mas espera aí? O que é que é isso? Ah...isso é uma coisinha assim...” E isso é a matéria. Mas isso também acontece com a gente.

### ***Vocês têm alguma orientação sobre que olhar prestar atenção? Quais são os temas?***

Temas nós não temos, vai de tudo, desde o comportamento à economia.

### ***Não tem uma tentativa de ter um pouco de cada coisa...?***

Tem. Eles chegam aqui, e a maioria está desde o início, eles com o tempo já sabem o que eles podem explorar, perfil dos moradores... a gente tem que dar alguma orientação porque às vezes desvia e perde todo foco de jornalismo. Mas têm coisas surpreendentes também. Às vezes o correspondente da Rocinha está sem sugestão nenhuma, mas o do Maré escuta e fala: mas isto na Maré existe! E às vezes é a gente que de tanto cavar acha.

Nós temos uma linha editorial, a gente parte do princípio básico de que violência já é feita, a mídia toda já cobre. Então, já tem o serviço feito. A proposta do Viva Favela é mostrar o lado oculto, exatamente desconhecido. E mostrar que não é só violência. É claro que se ocorrer alguma coisa como o caso do Marcinho VP, a gente vai mostrar. Mas é um outro olhar. A gente não vai fazer: Marcinho VP foi morto..A matéria que foi feita depois da morte é exatamente como a comunidade via essa exploração, essa visão, essa ótica do abusado dos moradores. Então, isso era um olhar que eles não tinham. Normalmente, nossos repórteres fazem as matérias, cavucam as comunidades. Às vezes nas comunidades que nós temos correspondentes e às vezes fora. A gente fez uma série do **Borel** há pouco tempo e a gente não tem ninguém lá.

Favela Tem Memória é um site dentro do portal que tem vida própria, ele é produzido pela Cristiane e pelo Marcelo Sampaio – que também faz matérias para o Viva Favela – e pelos correspondentes. Este site também integra mais gente que não é do portal.

Tem o Beleza Pura que é a Gisele quem faz.

Nordeste na verdade não é um site, ele é uma seção. E muitas seções estão esquecidas porque exatamente a equipe é pequena e nós temos que dar vazão a um bando de coisas.

O texto como vem, em sua maioria, não é jornalístico. A apuração está lá e quando não está a gente devolve. Isso não é raro, é muito comum. As vezes esquecem coisas básicas: profissão, sobrenome, endereço, ou foge totalmente da pauta. Ai desvaloriza a matéria se não apresenta-los. A Cristiane distribui os textos, ela fica com uns, eu pego outros e a Vilma dá uma lida também. Cada uma com seu texto vai e entra em contato com os correspondentes e diz o que precisa, pergunta se tem e etc. Essa é nossa função. A parte bruta é da redatora Vilma ou minha e pra entrar no ar a Cristiane dá o aval final

Aqui funciona como uma escola de jornalismo.

Entrevista na íntegra com Oscar Valporto sobre o Viva Favela

Entrevistadoras: Luana Monçores e Mayumi Senra Aibe

Data: Novembro de 2003

ACERVO PACC/UFRJ

*Conte um pouco sobre você, sobre sua carreira.*

Fui repórter, durante um tempo, no caderno cidade. Depois chefe de reportagem de esporte, fiquei no esporte quase dois anos, e no fim de 90 voltei para *O Globo*. Em 86 fui para o *Jornal do Brasil* para ser repórter da Nacional, de 86 a um pedaço de 88 eu fiquei como primeiro repórter, depois como coordenador e subeditor. Mudou a chefia, eu era cargo de confiança, troquei, voltei a ser repórter. No meio de 88, eu acho, fiquei pouco tempo na geral, aí eu fui para o esporte no meio de 88 até o fim de 90.

*O esporte, eu tinha dado uma olhada em umas matérias suas, você assina uma coluna de esportes. O esporte é uma preferência?*

Um pouco.

*Ou foi por acaso?*

Não é uma preferência, não. Quer dizer, vamos dizer que é uma preferência, aqui dentro do jornal não tem uma preferência com editoria, sinceramente. Gostei de trabalhar em Política, gostei de trabalhar em cidade. Então não tem esta coisa, fora economia que para mim é mais exótica, mesmo assim, aqui no *O Dia* eu gosto, porque o *O Dia* é mais pé no chão. Nessas que eu passei, tanto na cidade quanto na Política, esporte, eu gosto dos três. Esporte é uma coisa que eu gosto fora daqui. É uma coisa mais pessoal. A coluna hoje me dá a possibilidade de escrever regularmente, coisa que você perde na profissão quando você se torna chefe por muito tempo. Suas funções acabam. E eu sou chefe desde 87. Aos 26 anos eu já era chefe. Enfim, fiquei no esporte, saí e fui chefe de reportagem de esporte no *Jornal do Brasil* de 88 a 90. Fui à Copa do Mundo de 90, foi super legal! Pude escrever muito! Em 90, voltei para *O Globo* para ser coordenador da Nacional, do País, como chama no *O Globo*, Nacional e Política.

*Coordenador que você chama é?*

É tipo um chefe de reportagem. Não é um chefe de reportagem, porque você coordena sucursais. É um chefe de reportagem, no fundo, mas aqui os chefes de reportagem ficam todos nas redações, geralmente só vai com o chefe de reportagem da “tropa” aqui da cidade, polícia. Os outros chefes de reportagem, como esporte, essas coisas, geralmente chamam de coordenadores. São nomenclaturas. É que você acaba fazendo muita coisa que não é, que é uma coordenação maior. É muito chefe de reportagem. Você trabalha com muita gente fazendo as coisas. O coordenador, geralmente, tem uma função de lidar com sucursal, lidar com agência. Enfim, no fundo é a mesma coisa. Eu fui ser coordenador de País, no *O Globo* Política e Nacional são juntos, pois quando eu estava no *JB*, Nacional era só nacional mesmo. Assuntos nacionais que não eram política, então era religião, comportamento, era o garimpo, era meio ambiente, patrimônio, a Política tinha uma editoria. Lá no *O Globo* não, era Política e Nacional. Fui coordenador, fui diretor, fui ser chefe de reportagem da Rio, do *O Globo*, fui chefe de reportagem de lá durante dois anos e pouco. Isso já era no começo da década de 90, fiquei na Nacional como coordenador e subeditor, de 90 a começo de 92. E fui para ser chefe de reportagem, nos primeiros meses, um pouco antes da Rio 92 da Conferência sobre meio ambiente. Caí de pára-quedas no meio da conferência.

*Você se formou em jornalismo. Mas você chegou a pensar em alguma coisa antes de ser jornalista?*  
Não, de verdade não.

*Porque pesquisando na internet a gente encontrou seu nome em uma lista da EPCAR, estava: Oscar Valporto.*  
Militar?

*É, na aeronáutica, era uma turma, um grupo. Por isso que eu perguntei.*  
Meu pai, que se chama José Oscar Valporto Almeida.

*Provavelmente é ele!*

Ele estudou em Colégio Militar por muito tempo, e a família do meu avô. O pai dele foi general, e a família da minha avó, que são os Valporto, na verdade, são de família de militares.

*Você é o Valporto júnior? (risos)*

Não sou porque eu não tenho o José do meu pai. Meu pai é Oscar José Valporto de Almeida, e eu sou Oscar Vaporto.

*Então era ele mesmo.*

Possivelmente, não sei o que é, porque ele saiu do colégio militar, e disse que nunca mais queria, proibiu. Disse que: “*Vocês podem estudar em qualquer colégio em que vocês quiserem, só não fala de colégio militar, porque aquilo lá é um inferno !*”

*Você sempre pensou em jornalismo.*

Sempre pensei. Espera, vamos acabar aqui rapidamente.

Então, no *O Globo* chefe de reportagem em 95, depois fui ser editor adjunto, e aí em seguida fui demitido, porque o editor foi promovido, e então entrou uma nova editora que não ia lá com a minha cara, e eu saí do jornal em 95.

*Quando saiu de lá você estava como editor adjunto da Rio?*

É, da Rio. Durante um breve tempo, uns três meses, eu trabalhei no Governo Marcelo Alencar, na assessoria de imprensa, e depois fui trabalhar no Comitê Olímpico Brasileiro.

*Foi por isso que encontramos umas matérias suas na embaixada de Londres. Um negócio assim, tinha alguma coisa a ver com basquete.*

Porque eu fiz um material, na época em que eu trabalhava no COB, foram os jogos de Atlanta, e a gente fez algumas coisas com o Ministério dos Esportes, um material foi pedido sobre os esportes brasileiros. Já achei também na internet isto com meu nome !

*E depois do Comitê?*

Depois do Comitê Olímpico saí no fim de 97, e voltei para *O Globo* mais uma vez. Passei para a Política de novo.

*Editor de política?*

Editor adjunto.

*Até aí você não estava mais escrevendo?*

É, no COB escrever é aquela coisa. No *O Globo* não, na verdade da segunda vez em diante voltei chefe. Voltei chefe escrevendo pouco, primeiro que na Nacional não tinha muito assunto do Rio, alguma coisa sobre política, previdência. A gente escrevia pouquíssimo, fazia uma matéria ou outra muito de vez em quando, depois de ser chefe de reportagem que é uma coisa massacrante. Nesta fase toda de chefe de reportagem, chefe de reportagem é um massacre, naquela época tinha 42 repórteres, gente para burro. É a coisa mais massacrante que eu fiz no todo. Eu voltei como editor de Nacional, deu tudo errado rapidamente, porque o chefe brigou com o editor-chefe, fui demitido. Acabei voltando para chefe de reportagem, coisa que eu já não queria mais, foi o que o jornal me ofereceu, eu também estava querendo emprego, daí fiquei um ano no *O Globo*, como chefe de reportagem, de 97 para 98.

*De que área?*

Do Rio. Em 98, eu vim aqui para *O Dia*, para fazer um relançamento do jornal *A Notícia*, que era um jornal que já tinha. Eles queriam dar uma repaginada incrementada para enfrentar o *Extra*, que já estava para ser lançado. Foi uma experiência muito infeliz, fiquei muito deprimido, porque fui enganado aqui.

*Não era nada do que você imaginava?*

Cheguei aqui e tinha uma resistência enorme dentro do próprio jornal. Porque era um projeto da, na época, diretora de redação. A gente não tinha se dado muito bem, e foi no meio de um jogo complicado a beça, foi muito ruim, eu lancei o jornal e fui para casa. E daí fiquei deprimido, literalmente doente. Eu pedi demissão, fui embora. Isso já era 97.

*Você falou 98.*

É 98. Eu fui trabalhar; fiquei desempregado, procurando, e fui trabalhar na campanha eleitoral do Garotinho.

*Como foi esta experiência de trabalhar com ele?*

A campanha do Garotinho foi ótima. A campanha é divertida.

*E você foi subsecretário?*

Fui subsecretário. Trabalhei na campanha, e eleito governador fui subsecretário de comunicação durante um ano e meio. Saí de lá em 2000, e fui trabalhar no Viva Rio. Em agosto de 2000, e em maio de 2002 voltei para *O Dia*.

*O que você fez neste período no Viva Rio?*

O Viva Rio é assim, entrei lá como assessor de imprensa, mas entrei já para tocar este projeto do *Viva Favela*, que não tinha nem nome na época.

*Você foi convidado pelo Rubem?*

Pelo Rubem, na verdade sim. Já conheço o Rubem há muitos anos. Quando o Viva Rio foi lançado, eu estava no *O Globo*, e eu era chefe de reportagem.

*Noventa e dois?*

Noventa e três. Eu participei de muitas reuniões, reunindo gente, entrevistando, pessoas sendo entrevistadas pelos jornalistas. Então discutia-se a violência do Rio de Janeiro, e este assunto de violência me interessou, e o Rio de Janeiro é uma paixão. Eu fiquei conhecendo o Rubem lá. Ao longo da nossa vida, nestes últimos dez anos, quando eu estava na redação ou quando eu estive no governo do estado, O Viva Rio também era parceiro, o Rubem participou do grupo de transição do governo Garotinho. Eram várias áreas, e uma delas era de segurança pública.

*Você já conhecia o Rubem. Mas esta experiência de trabalho no governo Garotinho é que levou a isto?*

Também ajudou. Quando recomeçou, eu estive com o Rubem nestas coisas, nestas conversas e tal. Passou um tempo, e eu fiquei um pouco fora disto, mas quando teve esta fase da transição, eu voltei a ver o Rubem. Voltei a encontrar o Rubem, porque o Luís Eduardo era assessor desta área de segurança, ele é amigo do Rubem. Quando o governo começou, eu fazia parte, quer dizer, o meu chefe é que fazia parte, mas não ia em nenhuma reunião, eu é que ia por ele, que era uma coisa de entusiasmo pessoal, da campanha de desarmamento. O Viva Rio era uma parte importante e o governo do estado também. Eu era um dos representantes do governo do estado. O Luís Eduardo era representante da área de segurança, e eu era representante da área de comunicação. Voltei a ver o Rubem quase toda semana com esta reunião que tinha para discutir esta coisa das armas. Em 2000, já tinha até rolado um certo estresse entre o governo e o Viva Rio, por causa do Luís Eduardo. A gente nem estava nesta coisa de se ver muito, mas a assessora de imprensa do Viva Rio foi lá para *O Globo*, ganhar muito melhor.

*Quem era?*

Andrea Doti (?). Que deu as primeiras conversas sobre o projeto, o Rubem queria ter um instrumento de comunicação, que não só falasse das coisas do Viva Rio, mas também falasse dos projetos, das coisas que estavam rolando na comunidade, que ele achava que não tinha visibilidade na mídia. E o Viva Rio trabalha em um monte de lugares. Ele queria ter um jornal na verdade.

*Mas isto já era o projeto do Viva Favela?*

É, mas eu estou falando de antes de eu chegar no Viva Rio. Foi uma vontade, um desejo, uma ansiedade do Rubem, de ter uma coisa de comunicação para saber os projetos que estavam acontecendo nas comunidades.



*Para dar visibilidade?*

Não era nem para ser só visibilidade, mesmo para as comunidades saberem o que aconteciam nos projetos. Evidentemente, a Andrea que já conhecia o Rubem disse que era impossível fazer um jornal, porque isto ia custar uma fortuna. Que é difícilimo distribuir, para imprimir. Estava naquela época do “boom” da *internet*, alguém veio com esta idéia: “*Por que não fazer isto na internet ?*” Era muito mais barato. Então começou a se pensar a fazer isto pela *internet*.

**(Neste momento, em uma televisão próxima, a seleção brasileira que estava jogando fez um gol)**

**Gol do Brasil. (risos) Aí... (nova pausa para ver o gol)...( risos).** Mas, tinha um outro problema, se você fosse fazer um jornal pela *internet* pelas comunidades, estas comunidades não iam poder acessar. Começou então a se desenhar um negócio com duas pernas. Ou seja, um projeto de um portal , que viria a se chamar *Viva Favela* depois de muita discussão.

*Quais os outros nomes que vocês deram ?*

Nossa, nem me lembro mais!

*Eu cheguei a falar isto com a Cristiane, que agora é a atual editora, o porquê de “Viva Favela”. Ela disse que era a idéia de ter o nome favela.*

Inicialmente, o nome do projeto mesmo, internamente, era Favelanet. Mas a grande discussão era se usava o nome favela. Esta foi a discussão que consumiu algum tempo. Usar favela ou não usar favela. Nós fizemos uma pesquisa na comunidade, e vimos que o nome favela era super rejeitado, mas o Rubem disse “f...” ( risos), no final das contas.

*O negócio era tirar este estigma.*

É, então *Viva Favela*, porque era Viva Rio. *Viva Favela* era aquela coisa para cima. A gente ficou circulando em comunidade, comunidade net, Viva comunidade. Tinha um monte de nomes assim. Comunidade Viva. Enfim, tinha lá uns nomes. Favelanet tinha um problema por causa da NET (operadora de Tv por cabo). Este projeto teve a *Globo.com*, na época, ficou super interessada. A idéia era assim, fazia-se o projeto do portal para as comunidades e das comunidades, e fazia-se ao mesmo tempo uma rede de pontos de acesso. Dá para caminhar juntinho estas duas pernas.

*Uma rede de acesso seria levar até as comunidades?*

Se não você iria fazer um projeto de portal, o portal é para a favela, se a favela não pudesse acessar não ia adiantar nada.

*O público alvo a princípio seriam os próprios moradores?*

Você disse bem “a princípio”, fundamentalmente a favela. Claro que na *internet* qualquer público extra era bem-vindo. A gente achou que teria até interesse acadêmico, interesse de outros, mas o nosso principal era este. Mas só que este negócio começou a andar meio tropeçadamente por uma série de razões, primeiro porque é difícil mesmo, você colocar pontos de acesso na favela. Você coloca cabo de aço, os caras roubam, é complicado. As pessoas não tem telefone celular, nem tem telefone fixo. Então era uma complicação. Teve então uma série de dificuldades inerentes a trabalhar com as comunidades, que esta coisa

foi atrasando muito. A gente conseguiu uma parceria para as primeiras, para a Rocinha e a Maré, com uma empresa que, agora eu esqueço o nome, de ter uma tecnologia de internet por onda de rádio. Foi assim que foi instalado, com certeza, na Rocinha e na Maré. Tinha uma anteninha que você botava, e aparentemente funcionava muito bem.

*Você fazia este contato com as empresas?*

Não, não fazia. Nesta época, eu comecei a cuidar da parte da construção do conteúdo, e tinha um diretor-executivo do projeto que era o Xico Vargas, que é um jornalista também, que ficou cuidando mais deste trabalho de ficar fazendo contato com as empresas, discutir com outra área lá do Viva Rio de desenvolvimento econômico, os lugares onde podia montar estes centros de *internet*. O que aconteceu é que estes lugares começaram a andar com muita dificuldade. É complicado porque as coisas não são tão organizadas assim. A idéia do Viva Rio era fazer em parceria, fazer isto como ele faz tudo. O Viva Rio entrava com a coisa, e eles entravam com o lugar, ajudavam na administração. Isto o Viva Rio faz em todos os projetos dele. Então essa era a idéia, só que isto era um negócio totalmente novo, e tinha que ter uma viabilidade econômica, ele precisava ser auto-sustentável. Então tinha que cobrar, tinha gente que não queria cobrar, porque era uma igreja. Tinha uma série de problemas que foram surgindo, e isso foi atrasando, atrasando.

*Quanto a parte editorial?*

A parte editorial foi andando de uma maneira mais rápida, foi se selecionando uma equipe, começou a montar um conteúdo mais fixo. Baseado em um projeto de locais em que a gente ia se estabelecer inicialmente, a gente começou a procurar neste locais correspondentes, selecionar pessoas para trabalhar.

*Você participou desta seleção?*

Particpei da seleção dos correspondentes, e dos repórteres também.

*Quem eram as pessoas que estavam envolvidas na época, que você tinha selecionado para trabalhar na parte de editoria ?*

Eu tinha uma sub-editora, que era a Rosana.

*Rosana o quê?*

Bensusan, uma pessoa que foi indicada pelo Xico. Tinha duas redatoras, Gisele Porto. Duas redatoras que cuidavam dos textos dos correspondentes. Nenhuma das duas estão lá. A Verônica saiu depois que eu saí, e a Gisele que saiu antes, quem entrou no lugar foi a Cristiane Ramalho.

*Esta seleção foi por contato pessoal?*

As duas redatoras, a Verônica foi a Rosane quem indicou, e a Gisele eu conhecia. Os repórteres não, a gente realmente jogou na rede e selecionamos as pessoas.

*Qual foi o critério que vocês usaram para selecionar?*

Não tinha muito critério. Efetivamente você tinha um salário que não era grande coisa, eram pessoas que a gente queria que fossem mais ou menos jovens, e conhecessem bem *internet*. Aí, o processo de seleção, você vai lá e mostra os seus trabalhos, conversa.

*Áreas com necessidade?*

Porque tinha uma coisa assim: uma coisa que era emprego, diversão, esporte. Nós tínhamos cinco repórteres, em cinco áreas diferentes, e duas pessoas que produziam notícia em tempo real. Tudo isto foi montado, sempre nesta lógica que você ia trabalhar dentro destas comunidades com parceiros, que as pessoas tivessem seus parceiros.

*No caso, parceiros seriam os correspondentes?*

Não. Qual era a idéia? Você tinha a pessoa da comunidade que era o correspondente, e nessa comunidade você fazia parceria com entidades de lá para ter um centro de *internet*.

*Um cybercafé?*

É, um *cybercafé*. Então, a gente montou esta rede baseada num projeto que não era nem só nosso. Foi discutido entre o Xico, o Rubem, o Franklin (o cara do desenvolvimento econômico) que selecionava entidades que achava que eram mais capazes de gerenciar o negócio. E a gente escolheu às pressas as áreas. Foi a mesma coisa com os repórteres comunitários. Botou lá, mandou avisar.

*Você sabe de quem foi esta idéia, como surgiu, de se utilizar os correspondentes comunitários?*

Nasceu lá da discussão de como ia ser o *Viva Favela*. Qual era a idéia do negócio? Para a comunidade, e ter coisas também da comunidade, ou seja, não seriam só coisas de interesses gerais, como também se verem na coisa. Isso foi andando, o processo foi avançando, este processo de seleção, montagem de conteúdo mais fixo, tinha lá informações gerais, e etc. E ficou aquele meio impasse de quando começar, porque as coisas começavam do outro lado.

*Mas já tinha o financiamento da Globo.com ?*

Tinha o financiamento da *Globo.com*, mas o financiamento da *Globo.com* era mais para a montagem do conteúdo, não era para bancar isto.

*As redes?*

As redes, quer dizer, parte dele foi até usado para isso, mas não é o foco. E aconteceu uma coisa péssima neste caminho, que foi quando a *Globo.com* simplesmente desistiu do projeto. Eles não deixaram de pagar, pagaram tudo. Mas, a gente tinha uma expectativa de que eles fossem parceiros mais efetivos, ou seja, botassem o *Viva Favela* dentro da *Globo.com*, nos ajudassem, que fosse um multiplicador do nossos conteúdo. Isto não aconteceu, e derrepente se desinteressaram. Mudou a direção.

*Houve uma causa?*

Não, eu acho que não teve causa nenhuma a não ser a mudança da direção. A direção anterior comprava um pouco esta idéia de que você tem milhares de novos usuários, e que seria muito bom para a *Globo.com* se estivessem entrando na *internet* via *Globo.com*. Essa era a lógica dos caras lá. Isto eu estou falando dos termos empresariais. Mudou a direção, os caras focaram mais no público .

*Não quiseram saber dos pobres?*

É, porque isto ia demorar demais, tinha uma competição ferradíssima lá com o *UOL*. Eles não deixaram de pagar, porque já estava acertado, o Zé Roberto Marinho é conselheiro do Viva Rio, e então tem toda uma relação com a *Globo*. Seguiram bancando o projeto, mas sem uma participação que do meu modo de ver seria estratégico. Aconteceu que o *Viva Favela* foi para rua, entrou no ar em maio de 2000. Não tinha este público todo, até porque a *Globo.com* é quem daria esta visibilidade.

*Nenhuma estação montada, nenhum cybercafé montado?*

Nenhum.

*Nenhum?*

É, nenhum. Estava previsto um na Rocinha que estava em processo de montagem.

*E a divulgação foi feita como?*

Na mídia, como você faz qualquer divulgação: *release*, matéria.

*Foi uma questão de prazo?*

Não tinha duas coisas, primeiro o Rubem tem uma ansiedade mesmo. O Rubem é ansioso, queria botar o negócio na rua logo, que é um fato consumado. Já tem o portal, pronto. Já estava meio irritado com todas estas dificuldades do outro lado. E por outra a gente já estava com as pessoas lá trabalhando. Eu também queria que fosse para o ar, queria fazer, pelo menos você pára de fazer teste. Há três meses que só se fazia teste. Então, tinha o processo montado, quando tinha só o projeto, legal aí você faz. O cara desenhava o portal, você acompanha os caras, tecnologicamente e visualmente. Nesta fase é tudo bom, mas chega uma hora em que as pessoas estão lá, elas já começam a produzir, começam a fazer fonte e tal, os repórteres comunitários estavam prontos para começar, fizeram algumas matérias de teste. Já estava na hora, nós estávamos no prazo, e o resto não estava. Então foi para o ar sem este *feedback*. Isto só começou a acontecer em julho, no meio do ano, e três ou quatro meses depois teve o primeiro na Rocinha, primeira Estação Futuro, como eles chamam lá. Na Rocinha, e em seguida na Maré.

*Hoje tem em que lugares?*

É melhor vocês perguntarem para eles lá, mas a Cristiane me falou que já modificou um pouquinho. Nossa meta inicial era dez, em 2000 ainda, e a gente acabou com dois. **2000?** Não, desculpa, 2001. E isso foi muito frustrante, por quê? Toda a montagem inicial dele, até hoje isto influencia. Pois o que aconteceu com o *Viva Favela* na verdade? Quem era o nosso público? Era o público da *internet*, e só um pequeno pedaço deste público é que vinha da comunidade. Das comunidades de baixa renda, porque comunidades de baixa renda não é só da favela. A Rocinha e a Maré são favelas, mas tinha lugares como Queimados, Zona Oeste, não são exatamente favelas, são lugares de baixa renda. O que aconteceu? O público da *internet* em geral o que interessava a favela? Exatamente o que era produzido pelos repórteres comunitários, por quê? Era um conteúdo original, e isto ninguém faz. O que eles fazem ninguém faz. Você tenta falar sobre a favela, contando as histórias sobre a própria ótica do lugar. Isso dava um interesse, uma visibilidade. Entretanto, isto não é o que interessa para a maioria da comunidade. As pessoas teriam dificuldades de início. “Pobre é igual aos outros, é tudo igual.” Você quando lê o jornal você lê os assuntos do seu interesse. São assuntos gerais importantes para o seu bolso, para a sua vida, você lê o esporte que você gosta, você lê o cinema que você gosta. Você lê as coisas que interessam, cada um tem o seu interesse. O que a gente não podia, e eu tenho uma experiência enorme com jornais populares, parte do público é este alvo: O Extra, O Dia. Meu objetivo era ter ao mesmo tempo, não só ter este material, eu achava, inclusive pelas experiências que têm de *internet* em comunidade de baixa renda em São Paulo, que é muito forte, a Prefeitura fez um esforço lá. Então, tem lá Capão Redondo, um buraco lá na periferia de São Paulo, que tem. O que é o grande barato que as pessoas fazem fila? Procurar emprego, botar currículo, aprender a fazer currículo, procurar curso, curso de graça. Então, serviços.

*Você está falando em termos de jornais comunitários?*

Essa é a experiência lá de São Paulo, esqueci o nome. Foi uma coisa que deu certo, e tinha uma grana lá da Prefeitura. Abriu-se centros populares de *internet*. O que dava sucesso era isso. Pobre é igual a rico. Informações sobre festa e tal. E como em qualquer lugar, você tem interesse assim. Por exemplo, eu moro no Leblon, claro que a notícia do Leblon me interessa muito, a notícia do Méier me interessa menos. E isto acontece muito na Rocinha, são interesses localizados ali. Essas matérias só interessam de maneira geral para público de fora da *internet* que vê isso. Vê o *Viva Favela* assim: “A favela e as coisas da favela.” Interessante, mas o público de lá tem um interesse irregular, o cara que entra na Rocinha, não é que não tenha interesse, é um interesse mais raro. Então, a idéia era juntar estes dois lados. Como o público da comunidade demorou para entrar, o portal começou a se voltar mais para o público que já existia na *internet*, e a valorizar mais as matérias dos correspondentes comunitários. E tirar o foco do serviço, que foi diminuindo, diminuindo até chegar ao muito pouco que é hoje.

*O público que vocês a princípio atingiam não está acessando, vocês mudaram um pouco o foco da pauta?*

O foco do portal. Acho que até um pouco a pauta. Você vê hoje aqui o *Viva Favela* (**neste momento Valporto acessa o portal Viva Favela pela internet para fazer um comentário**) Este alto todo aqui, isto aqui tudo .

*São os outros sites?*

São os outros sites. E tentamos bolar coisas que pudessem atrair um patrocinador que pudesse bancar isto quando o dinheiro da *Globo.com* acabasse. Fez-se um projeto para a Petrobrás, que tinha que ser todo focado na juventude. Então surgiu mais ou menos estas coisas aqui de beleza.

A idéia de um portal é que ele seja uma porta para outros sites, embora tivesse este nome Portal Viva Favela, inicialmente, não havia a idéia de se criar outros sites?

Nós não, a idéia é assim, isto tudo é muito ambicioso. A idéia era uma porta para a favela, quando as pessoas pudessem entrar na internet, a idéia era que elas pudessem fazer seus próprios portais, ter um portal da comunidade x. A Rocinha tem a *Rocinha.com* por exemplo.

*Que pudesse servir de hospedagem também. Havia esta idéia inicial?*

Pensavasse sim, eu também perdi um pouco o pé de lá. Por exemplo, a Cristiane falou que já tem muito mais pontos de acesso, que é legal. Tem acesso no Cantagalo, tem acesso em outros lugares, Santa Cruz. Espalhou-se um pouco isto, cresceu.

Então existia esta idéia de que cada comunidade fosse criando o seu portal, e por isso seria chamado de portal?

No fundo a gente imaginava parceiros. Outra coisa que mudou foi isto, até hoje o Viva Rio não conseguiu fazer isto em parceria. Passou a ele mesmo administrar as Estações Futuro. Que era para ser em parceria com entidades locais que é o que o Viva Rio sempre faz. Ele sempre faz isto! Os projetos são gerenciados. Normalmente ele atrai projetos.

*Por que você acha que, no caso do Viva Favela, não deu certo esta parceria ?*

Porque era um projeto que tinha que financiar, a coisa lá na favela tinha que financiar mesmo. A estação ia ter que financiar. Aquilo precisava gerar dinheiro, não precisava dar lucro, mas precisava-se pagar. E este pessoal não está acostumado a trabalhar assim. Na verdade, esta Estação Futuro é um projeto permanente, o portal é permanente. Eles não estão acostumados a trabalhar assim, eles estão acostumados a trabalhar em projetos específicos: “Projeto tal educar não sei quantas pessoas.” Eles educam não sei quantas pessoas, eles podem continuar, mas é outro projeto para fazer a mesma coisa. E isso precisa financiar, o cara entra com o dinheiro, e eles entram com trabalho. Não existe aquela coisa de gerir, não é um empreendimento. E foi esta a dificuldade, os parceiros habituais do Viva Rio não iam dando certo, muitos eram igrejas e não estavam querendo meter dinheiro no meio, então é este tipo de coisa. A idéia sempre foi cobrar, cobrar porque precisa se sustentar, e cobrar porque a gente acha que não pode dar de graça. Totalmente de graça não é legal, tem que dar o mínimo de retorno, para que você possa sustentar aquele negócio da aula, tem o cara lá que tem gasto com as pessoas que estão ali, que orientam, estas coisas.

*E hoje em dia você vê que mudou muita coisa na idéia inicial? O público alvo você falou que já mudou muito.*

O que mudou foi assim, tiveram coisas que foram agregadas, por exemplo, este projeto do “Favela tem Memória” é legal, este do “Beleza Pura” é interessante, esta coluna aqui, eu ainda estava lá quando a gente criou, de Hip Hop é bacana. São coisas que eu acho super legal. O Hip Hop da comunidade, o HipHop é uma coisa que está crescendo nesta área. Muitas coisas boas foram agregadas aqui ao portal.

Vocês imaginavam que hoje em dia ia se tornar busca, fonte, pauta de grandes jornais, das grandes mídias? Ou era uma coisa já meio especulada?

O Rubem sempre sonhou com isso, que fosse pauta para os grandes jornais. Eu, que conheço os jornais melhor do que ele, nunca tive esta pretensão. Os grandes jornais estão pouco interessados na favela, porque os grandes jornais não vendem na favela. Então eles não tem este interesse todo, e o que na verdade os jornais dão sempre um destaque enorme é a questão da violência, que o *Viva Favela* não trata. Que é outra angústia do Rubem.

*Como você avalia a cobertura dos grandes jornais sobre favela, ou a ausência desta cobertura?*

Na verdade é a ausência de cobertura. Da mesma forma que eles estão excluídos da vida econômica, social, excluídos da saúde, estão também excluídos da pauta. São “sem-pautas”. Por quê? Porque o objetivo das empresas jornalísticas aqui é vender os seus produtos, no caso o jornal. Ou ajudarem seus anunciantes a venderem seus produtos. Fora assim na Rocinha, alguns trechos da Maré, as pessoas não tem dinheiro para comprar jornal, vende muito pouco, nem os jornais populares, nem O Dia, nem O Extra. Imagina *O Globo*, que custa dois reais! Ninguém compra *O Globo*.

Domingo.

Custa três reais!! Então os jornais estão interessados no público que comprem. Então tem esta coisa de ter uma certa distância, se exclui também da pauta. Se estourar um cano lá no Leblon, na Ataulfo de Paiva, vai sair no *O Globo*, mas se estourar um cano na Rocinha, não vai.

*Você sentiu algum tipo de preconceito, algum tipo de descrença em relação ao projeto?*

Acho que as pessoas, não é que não tenha assunto para elas, elas não estão é no foco de interesse. Se você tem alguma coisa elas vão consumir, elas vão ler, mas para isso você precisa dar o acesso. Estas pessoas são potenciais consumidores de informação. Elas não são consumidores porque os jornais não pensam nelas, não tem foco lá, tanto que consome televisão.

*Quando vocês fizeram o trabalho de divulgação do portal, como isto foi recebido pelas grandes redações?*

Com muita simpatia, é menos que um preconceito, é uma lógica empresarial que norteia os veículos de comunicação, como os jornais.

Esta parceria do Viva Favela com O Dia, aos domingos ou sábados.  
Sábados...

*Como funciona isto, como surgiu isto esta idéia?*

Surgiu do interesse de divulgar o nosso peixe, lá do *Viva Favela*, não do *O Dia*.

*Você ainda estava lá?*

Eu estava lá, vim aqui, vendi o meu peixe para meu chefe, que é meu camarada há muitos anos, e ele comprou o peixe. Estes lugares são muito difíceis de se entrar, vende pouco, não tem banca, não tem rede.

Não é de fácil acesso.

Não é de fácil acesso. Então interessa ter esta aproximação.

O Dia, especificamente, se interessa pelas favelas, ou não?

Não é o público alvo dele. Interessa mais do que os outros porque tem uma classe média baixa das favelas, que consomem alguma coisa, não consome como outras áreas que interessam *O Dia*, efetivamente, é classe média para classe média baixa.

*Não é o foco do O Dia?*

Não, o foco do *O Dia* é classe média.

Antes de participar deste projeto você já tinha alguma experiência de cunho social ?

Não tinha nenhuma experiência deste tipo. Tinha uma ligação com o Viva Rio por conta da minha preocupação pessoal com a segurança do Rio de Janeiro. Uma preocupação que permeava meu trabalho como chefe. E que me levou a participar disto. Participei ativamente, mesmo no governo, na área que eu cuidava mais. Participei destas coisas do desarmamento todo, porque eu acredito.

*Você chegou a visitar alguma favela? Ou já tinha ido lá?*

Fui à Rocinha, à Maré, em todos estes lugares em que a gente foi.

*Só para entender, qual era o cargo que você tinha no Viva Favela?*

Editor-chefe. Não, acho que era só editor.

*Esta experiência do governo Garotinho, você foi convidado?*

Fui convidado. Estava saindo daqui, desempregado, procurando trabalho. O ex-assessor dele, que foi Secretário de Comunicação, eu já conhecia ele. Conhecia ele como a gente conhece muita gente, nunca tínhamos trabalhado juntos, conhecíamos assim da vida, dos botequins. Ele trabalhou no *O Dia*, sempre teve muitos amigos aqui. Tem um bar aqui em frente, a gente conhecia ele dali, da noite. Eu estava desempregado, eles estavam precisando de alguém para trabalhar com eles. Pois só trabalhavam ele e a mulher.

*Agora, aqui no O Dia, o que você faz? Quais são as funções que você tem aqui no O Dia?*

A minha função é de Editor. O que eu faço? Eu chego de manhã, só que o pessoal da direção da redação chega mais cedo, eu sempre falo isto porque eles é que mandam a beça, eu não mando mais nada. Minha função é o que? Ver se as notícias mais importante estão sendo cobertas, então eu faço uma reunião umas dez e meia com os coordenadores das áreas, o chefe de reportagem da Cidade e da Polícia, o coordenador da Política, da Economia, do Esporte. Discutimos a pauta, as reportagens que estão no dia no jornal, ver o que a gente vai investir. Das 9 até 13h é a hora em que eu estou mais “pilhado”. Depois, o pessoal já está na rua. Por volta de 14h30 a gente tem outra reunião. Os editores já dão um primeiro retorno do que já foi eito. Duas e meia tem a reunião, três e meia ela acaba. Entre 15h30 e 18h que é a última reunião.

*Ainda tem uma outra reunião?*

Tem uma terceira reunião



*Para avaliar o que já está feito?*

Tem uma última, que deveria ser uma reunião mais rápida, para cada um vender seu peixe: “Ah! Eu tenho isto, isto e isto.”

*Você que coordena esta reunião?*

Não, estas reuniões são coordenadas pelo editor-chefe e o editor-executivo.

Você tem alguma perspectiva de mudança em relação ao que você faz hoje? Voltar a fazer algum tipo de trabalho parecido com o Viva Favela?

Sei lá, a vida não permite assim, ainda mais para um jornalista.

É complicado.

Eu vim para cá, porque eu estava com um saudade danada de uma redação de jornal.

*No Viva Favela você não tinha este gostinho da redação?*

Não, porque o foco é todo outro. Não tem adrenalina.

*Quanto tempo você ficou lá?*

No Viva Rio, eu fiquei de agosto de 2000 a maio de 2002.

*Antes de assessor você foi editor?*

É.

*E quem ficou no seu lugar foi a Cristiane?*

Não foi a Cristiane. Quem ficou no meu lugar? Foi a Márcia. Trabalhei com a Márcia uns três meses, ou menos. A Márcia é a pessoa que eu indiquei para o meu lugar. Ela tinha saído lá do *Jornal do Brasil*, achei que ela ia gostar. Ficou tudo combinado, depois tomamos um café, aquela coisa, tudo certo. Mas a Márcia ficou lá pouquíssimo tempo, talvez dois meses. Depois foi a Cláudia, não sei quem indicou, se foi a própria Márcia, essa não deu certo.

*Você consome o site como informação?*

Consumo. Está aqui nos meus favoritos. Eu olho uma duas vezes por semana. Não consumo muito mais do que isto.

Você já usou, mas é que você não faz matéria, alguma idéia de pauta já surgiu do portal?

Já surgiu lá, mas de minha parte não.

*Você trabalha como editor.*

É, se eu olhasse mais, talvez surgisse mais. Até me preocupo em pautar. Até nem olho tanto para ficar vendo pauta. Estou mais preocupado com *Globo online*, *Folha online*.

*Então não ocorreu nenhum caso?*

Eu pessoalmente não.

*Ninguém aqui da redação?*

Acho que já aconteceu, ou um personagem para uma matéria que tenha visto aqui.

*Uma questão que surgiu lá no Viva Favela, quando a gente foi lá assistir a reunião de pauta, eles comentaram alguma coisa sobre modificar texto.*

Esta é uma briga antiga, porque você tem um padrão jornalístico. E eles não estudaram jornalismo. Não tem experiência em jornalismo.

Eles têm um apoio técnico dos editores, dos repórteres de lá.

Eles tem um texto, que eles mesmos fazem, que vão para a mão do redator, que muitas vezes destroem o que eles fizeram. Noventa por cento das vezes destrói porque tem que destruir, algumas vezes destrói para o mal, já houve casos de gente que tinha razão em reclamar. Mas é difícil, porque eles não são profissionais. Você precisa ter um padrãozinho aqui. A pessoa não pode achar que ela pode escrever do jeito da cabeça dela. Nós até agora não descobrimos nenhuma talento literário. Tem gente com boa vocação jornalística ali. A Bete por exemplo tem uma boa vocação, sabe ver uma pauta, sabe como ver a notícia, sabe o que é interessante. E ela escreve melhor que a média, mas a média deles lá que é muito aquém do que você precisa para publicar. Então, tem esta coisa mesmo, na verdade, repórter brigar com redator é uma coisa velha. Isto já tinha no jornal há cem anos atrás. Então, não era uma coisa que eu me preocupasse, porque faz parte.

*Você tem primeiro a dificuldade do acesso, por que o correspondente?*

A idéia mesmo era que não fosse o olho de fora, mas o olho de dentro. Porque de fora a gente já tem as pessoas lá. O problema era ter um olho que não fosse o nosso olho viciado dos jornalistas.



## Uma ponte virtual

Carlos Collier | 31/12/2004

A Cidade de Deus começa 2005 com uma bela perspectiva: tornar-se um pólo de fabricação de biodiesel no Rio de Janeiro. A partir de uma entrevista publicada no site EcoPop, do **Viva Favela**, a badalada favela da Zona Oeste carioca foi escolhida para sediar um projeto piloto de energia alternativa do governo federal.

“Acessando o **Viva Favela** e lendo a [entrevista](#) com Carlos Alberto, presidente do Comitê Comunitário da Cidade de Deus, vi que a comunidade era justamente o local que estávamos procurando para iniciar este trabalho”, confirma Luiz Theodoro, Coordenador de Cooperação Técnica da Subsecretaria de Planejamento da Subsecretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), da Presidência da República.



Para sediar o pólo de produção de biodiesel, Luiz Theodoro e sua equipe precisavam de uma comunidade que tivesse alguma organização política, além de ser grande, urbana e formada em sua grande maioria por negros. “É uma dívida que temos com os quilombos urbanos”, explica.

Luiz Theodoro leu entrevista no EcoPop

O negócio será tocado pelos moradores e o número de empregos a ser gerado dependerá da própria comunidade. O primeiro passo já foi dado. Numa reunião com o sindicato dos restaurantes do Rio de Janeiro, os empresários garantiram a doação do óleo de cozinha - matéria-prima para a produção do biodiesel.

Tony Barros /VF



Sandra Delgado /VF



Entrevista com Carlos (D) definiu escolha da Cidade de Deus como pólo de biodiesel

Outro aceno importante foi dado pelo Rio Ônibus, sindicato de ônibus urbanos do Rio de Janeiro. Com uma frota de cerca de sete mil veículos, as empresas que integram o sindicato toparam comprar toda a produção da Cidade de Deus. “Com estes acordos, garantimos a matéria-prima e o consumo. O resultado vai depender do trabalho da comunidade”, diz Luiz Theodoro.

### Da Vila do João para os EUA

A repercussão do conteúdo produzido pela equipe de 24 jornalistas e correspondentes comunitários (moradores de favela capacitados para atuar como repórteres e fotógrafos) do Portal **Viva Favela** reforça o novo papel que o projeto começou a exercer em 2004 – o de ser um instrumento capaz de interligar segmentos da sociedade até então isolados entre si.

O artesão Ednelson Soares dos Santos, morador da Vila do João, na Maré (Zona Norte carioca), nem imaginava um dia exportar sua arte para o exterior. Mas isto está pertinho de acontecer. Personagem da reportagem [Trocando de bem](#), ele foi procurado pela comerciante brasileira Grace Dantas, que vende artesanato nos Estados Unidos.

“Estava precisando de artesãos de comunidades de baixa renda e resolvi acessar e escrever para o **Viva Favela**, que me passou alguns contatos”, conta Grace. Ela virá em fevereiro para o Brasil para acertar as vendas do trabalho de Ednelson. A idéia inicial é produzir e comercializar duas mil peças.

Deise Lane / VF



Ednelson recebeu encomendas e convites de trabalho depois da matéria

O artesão recebeu ainda convites para dar aulas na ONG Guardiões do Mar, de São Gonçalo (Região Metropolitana), e em outra comunidade do Complexo da Maré. O segundo convite não pôde ser aceito, no entanto, por conta dos conflitos entre facções do tráfico de drogas, que impõem limites para a livre circulação de moradores das diversas favelas.

Ednelson recebeu ainda diversas encomendas de internautas através do Portal. Ele produz porta-retratos, porta-jóias, jogos americanos, entre outros objetos, tudo feito de jornal.

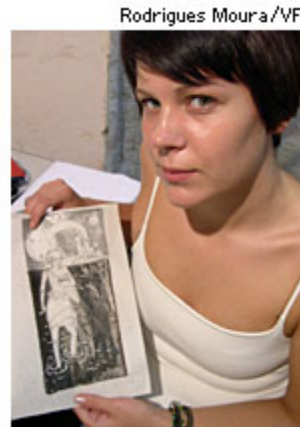
### Cinco milhões de telespectadores

Em 2004, o Portal também se consolidou como fonte de informação e referência para a mídia tradicional e para pesquisadores do tema. O jornalista Marcelo Moreira, chefe de reportagem do RJ-TV, da Rede Globo, confirma: “O site é de ótima qualidade. Fazer uma matéria positiva sobre a favela e pautar um telejornal como o RJ-TV, que é visto por cinco milhões de pessoas, mostra o valor do trabalho do **Viva Favela**”.

Segundo Moreira, com a morte de Tim Lopes, em junho de 2002, as equipes de reportagem da emissora foram proibidas pela direção de entrar nas favelas. O que, de certa forma, afastou o telejornalismo dessas comunidades. Mas nem por isso, afirma o jornalista, as equipes deixaram de se preocupar com o que se passa com os moradores dessas áreas.

Para o chefe de reportagem, o **Viva Favela** tem uma penetração muito grande nas comunidades e por isso tornou-se um importante instrumento de informações. Já Eduardo Auler, chefe de reportagem do jornal Extra, diz que o que chama a atenção é o conteúdo das reportagens. Especialmente por conta da diversidade das pautas, da criatividade com que são conduzidas e até da coragem com que algumas são feitas - especialmente as que retratam o medo dos moradores durante os conflitos em algumas áreas.





Rodrigues Moura/VF

Publicação de presidiárias como Lotta (na foto acima) encontrou apoio de jornalista

"Considero hoje o **Viva Favela** a mais importante fonte de notícias sobre as comunidades, que estão cada dia mais distantes da grande mídia. Seja pela reação violenta com que os órgãos são recebidos em algumas áreas, seja pela dificuldade de acesso a informações e fontes", diz Auler.

### Jornal aumenta auto-estima

Além de pautar a mídia tradicional, o Portal também acabou colaborando para a criação de um jornal alternativo - o *Só isso*, feito pelas detentas da Penitenciária Twarela Bruce, no Rio, e patrocinado por um dos internautas do **Viva Favela**.

Navegando no Portal, um jornalista, que prefere não ser identificado, leu a matéria [Veículo do diálogo](#), e descobriu o desejo das detentas de criar um jornal. Entrou em contato com a direção da penitenciária e resolveu dar o apoio necessário.

Marcos Pinheiro, diretor do Talavera Bruce, garante que se não fosse assim, a realização deste sonho seria bem mais complicada.



Favela Tem Memória inspirou pesquisadora

Pedras, em Belo Horizonte.

"O trabalho do Favela Tem Memória é ótimo. Influenciou muito na elaboração do meu projeto", confirma Michelle.

### Convite via Beleza Pura

Foi também no Portal que o fotógrafo Carlos Mattos descobriu duas modelos da Cidade de Deus.

"O jornal só existe por causa do **Viva Favela**. E mesmo se existisse, não teria a qualidade que tem", afirma Marcos. Hoje, graças ao jornal, a auto-estima das presidiárias está alta. "A tiragem começou em 500 exemplares e já está em dois mil", conta.

O **Viva Favela** também se tornou uma referência para quem desenvolve trabalhos na área de comunicação em comunidades de baixa renda. Como a jornalista e fotógrafa Michelle Soares. Ela se inspirou no site Favela Tem Memória, do **Viva Favela**, para desenvolver uma página virtual que resgata a memória da comunidade de Morro das

Elas fazem parte do projeto Lente dos Sonhos e estão na seção [Revelação](#), espécie de catálogo virtual para atores e modelos do site Beleza Pura.



Modelos da seção Revelação, do Beleza Pura, fizeram catálogo de moda

Com isso, Ludmila Gomes e Gisele Guimarães foram contratadas para serem as estrelas do catálogo da grife Devotos, numa coleção baseada nos parangolés do artista plástico Hélio Oiticica. O catálogo foi distribuído no evento de moda Fashion Rio, em 2004.

Tony Barros, correspondente de fotos do **Viva Favela**, morador da Cidade de Deus e criador do Lente dos Sonhos, que forma e abre mercado para modelos da comunidade, garante que este foi apenas um dos muitos trabalhos que conseguiu pelo Portal. “Quase tudo que conseguimos foi pelo **Viva Favela**”, diz. “Hoje, já produzo material sabendo que tenho onde publicá-lo. Temos o nosso canal de comunicação.”

## Um outro final

Núbia Lima\*, da Cidade de Deus | 09/05/2005

\* e Vilma Homero, da Redação

A história de Vicente Moraes, 45 anos, tinha todos os ingredientes para terminar de forma trágica. Mas ele preferiu dar a volta por cima e escrever um final diferente. Depois de ser solto após passar três anos numa penitenciária, ele criou uma instituição que acompanha a situação jurídica e dá apoio social a presos e seus familiares. Faz também palestras na Cidade de Deus, na Zona Oeste carioca, onde nasceu e se criou, procurando evitar que outros jovens se envolvam com o tráfico e sigam o mesmo caminho que o levou à prisão.

O trabalho está apenas no começo. Em 2000, um ano depois de deixar a prisão, Vicente criou a Fundação Unidos por Jesus Cristo (Funjec), com uns poucos voluntários ligados à igreja evangélica que frequenta. Hoje, ele não pára um minuto para dar conta de tudo o que planeja fazer.

"Vivi muito tempo numa enorme inutilidade. Há dez anos eu não era nada, hoje eu quero ser útil para a minha comunidade", diz.



Vicente quer ser útil para a comunidade

Para tornar-se útil, no último Natal, ele e o pessoal da Funjec conseguiram uma doação da ONG Ação da Cidadania e distribuíram cem cestas básicas na favela. Também promovem aulas de artesanato, violão e salgadinhos, a preços populares, para qualquer um que queira participar. Ainda está nos planos da entidade criar uma oficina de penteados afro. "Desde que saiu da cadeia, ele deu início a estes trabalhos", fala Marcelo Cruz da Silva, também membro da igreja, logo convidado por Vicente para se tornar um dos fundadores da Funjec.

A instituição tem sede num espaço de sua própria casa, na Praça dos Garimpeiros, na comunidade. Ali, ele usa sua história para mostrar que o tráfico não é solução de vida para ninguém. Também procura oferecer orientação sexual e preservativos aos jovens da favela. Para isso depende de conseguir a ajuda de psicólogos para as palestras e doações de camisinhas de instituições de saúde. O que nem sempre consegue.

### "A pior coisa na cadeia é a ociosidade"

Fotos Arquivo/Funjec



Crianças ganham presentes e, pais, cestas básicas

A atividade que já se tornou rotineira é a distribuição de produtos de higiene pessoal a internos da Casa de Custódia Muniz Sodré, no Complexo de Bangu (Zona Oeste). Todo mês ele junta donativos da igreja evangélica que frequenta e do comércio local, e segue para o presídio.

"Na cadeia faltam as coisas mais básicas, como barbeador, sabonete, papel higiênico, pasta de dente, sapato, roupas e papel para escrever carta", diz. Falta que ele tenta suprir para mais de 50 detentos, além de dar depoimentos sobre sua trajetória de vida.

No mesmo complexo, mas em Bangu 4, Vicente conseguiu livros para a criação de uma biblioteca e voluntários para as aulas da Escola Estadual



José Lewgoy, criada pelo diretor Gilson Nogueira em 2004. "A pior coisa na cadeia é a ociosidade. Se o interno tem algo para ocupar a cabeça, ele não fica pensando em coisas erradas", justifica.

Foi também na cadeia que Vicente começou a mudar. Na cela de presos evangélicos, ele converteu-se à religião e deixou de lado as drogas. "Estou *limpo* há oito anos", orgulha-se. Em 1999, graças a uma redução de pena, saiu em liberdade condicional. "Agora, quando chego lá e vejo muitos estudando, buscando, como eu busquei, mudar de vida, é muito gratificante", fala.

Antônio Carlos Ribeiro, 43 anos, que cumpria pena por roubo de carga, foi um dos que mudaram. Hoje, já solto, ele trabalha como motorista de transporte alternativo. "Nos conhecemos ainda na cadeia. Vicente foi solto bem antes, mas prometeu que voltaria com ajuda. Foi exatamente o que ele fez. Porque no presídio, quem não tem dinheiro nem família para levar comida e produtos de higiene, precisa fazer serviços para outros presos, em troca desse produtos. É a 'faxina'", explica.

Como um dos primeiros beneficiados, Antonio lembra que Vicente ainda lhe prestava outra grande ajuda. "Ele acompanhava o meu processo na Vara de Execução Penal. O que foi super importante para mim. Vicente foi como um padrinho", explica. "Os presos muitas vezes não sabem como está o seu caso porque não tem ninguém para acompanhá-lo, então eu me propus a fazer isso", diz o próprio Vicente.

### **Funjec: mais de 50 cadastrados**

Marília de Albuquerque, 22 anos, é uma das mais de 50 pessoas cadastradas à Funjec na Cidade de Deus. Depois de receber uma das cestas de alimentos distribuídas no Natal, ela espera ansiosa que essa distribuição logo se torne rotineira, como planeja o próprio Vicente.

Mãe de um garoto de seis anos, ela está desempregada e mora com a avó aposentada. Seu namorado, um ex-traficante, hoje vive de biscates. "Quero fazer o curso de artesanato para ganhar um dinheiro extra", diz.

Para Vicente, a vida começou a enveredar por um caminho aparentemente mais fácil aos 16 anos, quando ele experimentou maconha pela primeira vez. "Ao fumar o primeiro cigarro, não tinha idéia da reviravolta que daria na minha vida", lembra. Para quem como ele, que só bebia nos finais de semana para "tirar onda", aquela experiência foi ruim. "Passei muito mal, mas nas vezes seguintes, a maconha foi se tornando um calmante", conta.

Daí ao hábito, foi só mais um pulo. "Já acordava de manhã com um *charuto* na mão", confessa. Naquela época, meados dos anos 70, tudo era bem diferente. "Os usuários de drogas respeitavam os moradores, não se fumava na frente de outras pessoas. Agora, ninguém liga, a droga foi banalizada", fala.

Aos 22 anos, a vida de Vicente começou a degradingolar à medida que ele foi passando para drogas mais fortes. Da maconha aos comprimidos e depois para a cocaína, aos 25 anos. "Eu era vendedor ambulante em Madureira, na Zona Norte, e só trabalhava doidão", conta. "Com a cocaína, no começo, eu usava pouco porque era muito cara e uma pequena quantidade já fazia efeito. Agora, colocam xilocaína, fermento e até vidro para render e baratear a droga", explica.



Vicente (C): doações para presidiários

Seu irmão mais velho também era viciado e os dois costumavam se encontrar para cheirar juntos. "A gente sentava, bebia uma cerveja, cheirava um pó e conversava", lembra. Para o irmão, esse

caminho foi curto. Ele morreu, vítima de hepatite, adquirida pelo uso compartilhado de seringas. "Nossos pais morreram sem saber do nosso vício", conta.

Quando não conseguiu mais trabalhar, Vicente passou a prestar pequenos serviços para o tráfico. "A minha casa passou a ser local de *endolação* das drogas. Quando a polícia entrava na favela, os bandidos se escondiam e também deixavam as armas guardadas lá. Eu achava que isso me daria 'um conceito' na favela, sem ter idéia do perigo que corria", diz.

Se a polícia entrasse em sua casa e encontrasse todo aquele arsenal de armas e drogas, ele seria responsabilizado por tudo. "Na verdade eu era apenas mais um *bucha*", lamenta.

### **"Matar para sentir como era"**

Depois de certo tempo, a PM entrava na favela e já ia direto à sua casa, "pichada" pelos policiais. Ele percebeu que já não dava mais para viver de pequenos serviços e decidiu assaltar para sustentar o vício.

"Peguei uma arma e fiz o primeiro assalto. Gostei, o dinheiro vinha fácil. Não tinha pena de ninguém, na verdade eu tinha ódio das pessoas, porque cada passo que eu dava, parecia que dava três para trás e eu achava que a culpa era do mundo. Eu tinha vontade de matar alguém para sentir como era", confessa.

O terceiro assalto não aconteceu com a tranquilidade que ele esperava. A vítima chamou os seguranças de um curso local. "Eles me levaram para um terreno baldio e colocaram um saco na minha cabeça. É o que fazem quando vão atirar no crânio e não querem que o sangue espirre. O que me salvou foi que começou a juntar gente", lembra.

Levado à delegacia, Vicente apanhou tanto que teve uma costela quebrada. Por um ano e um mês, ficou preso ali, aguardando julgamento. Julgado em setembro de 1996, pegou 10 anos. Parte da pena foi cumprida na Penitenciária Ary Franco, em Água Santa, Zona Norte da cidade. Mais tarde foi transferido para a Vicente Piragibe, em Bangu. Apenas sua irmã Dalva o visitava durante todo o tempo em que ficou preso.

"No presídio, voltei à esbórnia. As drogas rolavam o tempo todo. Não pensava nem em sair da cadeia porque tudo o que eu precisava tinha lá". Sua vida seguia nesse ritmo até que soube que o chefe de tráfico de uma favela em São Gonçalo não gostava dele. "Ele armou e eu quase morri lá dentro. Decidi, então, que aquilo não era vida para mim", fala.

Em parte, foi o medo que o levou a refugiar-se na cela dos evangélicos. Mas sua conversão à religião o fez ver também a possibilidade de um novo começo de vida. Agora, tudo o que ele quer é ajudar os outros a também recomeçar.

## Eles não dão trégua

Marta de Oliveira, do Alemão\* | 05/05/2005

\* e Vilma Homero, da Redação

Rodrigues Moura/Viva Favela



Caramujos invadem o Complexo do Alemão

Especula-se que eles tenham chegado ao Brasil como alternativa barata de uma iguaria fina - os escargots. Mas logo viraram verdadeira praga e espalharam-se por todo o país. No Rio, eles já assustaram a Baixada Fluminense e várias áreas da cidade. Agora estão no Complexo do Alemão, na Zona Norte.

Os caramujos gigantes africanos assustam porque podem transmitir perigosas doenças.

No Poço do Caboclo, no Alemão, o aposentado José Lúcio Lirio chega a juntar uma sacola cheia de caramujos todos os dias, recolhidos em seu quintal.

“Eles estão acabando com meus pés de maracujá e mamão”, reclama. Os moradores querem que a secretaria de saúde do município entre em campo para evitar maiores danos à população local.

Veja a matéria na íntegra no site [Eco Pop](#).



- entrevista
- reportagens
- agenda
- imagens do povo
- favela na mídia
- varal de letras
- mural de artes
- balcão de informações

- apresentação
- objetivos
- prestação de contas
- equipe
- parceiros
- projetos

- busca

## Imagens do Povo e FotoRio

[23.06.2005] O Imagens do Povo, projeto de fotógrafos populares do Observatório de Favelas vai apresentar o trabalho produzido na Jornada Fotográfica no Centro Cultural dos Correios entre os dias 27 e 29 de junho.

## Novo endereço do Observatório

[21.06.2005] O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro inaugurou sua nova sede no dia 10 de junho. O novo endereço é Rua Teixeira Ribeiro, 535, Nova Holanda - Maré

### Faça a coisa certa

[07.03.2005] Flávio Aniceto, traz o tema do preconceito entre a "cidade formal" e as favelas

### Chacina na Baixada

[12.04.2005] Confiar ou não na polícia? Protestos evidenciam conflito entre comunidades e serviço policial

### Projeto vira política pública

[07.03.2005] Programa desenvolvido pelo Observatório de Favelas é adotado pelo MEC em universidades federais



Fotografia a serviço dos direitos humanos



### Observatório de Favelas

Rua Guilherme Maxwell, 26 - Maré  
CEP 21040-212 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel/FAX: (21) 3888-3220  
[contato@observatoriodefavelas.org.br](mailto:contato@observatoriodefavelas.org.br)

Este site foi construído com apoio de:



É permitida a reprodução do conteúdo deste site somente para fins não comerciais e desde que a fonte seja devidamente citada.



## Varal de letras

### Opinião

#### Juventude, Saúde e liberdade de ir e vir na cidade do Rio de Janeiro

**Direito de ir e vir? Artigo aborda a violência de cada dia, que atinge moradores nas favelas cariocas, mas não estampa os jornais**

20.08.2004

Autores:

Sinesio Jefferson Andrade Silva  
Mariluci Correia do Nascimento  
Marcia Menezes Thomaz Pereira  
José Wellington Gomes Araujo  
Elaine Sandra A. Savi  
Eduardo N. Stotz  
Teresa Cristina C. L. Neves

“As favelas são o exagero do resto da cidade”

Comentário popular

“Pois lá na favela o olheiro é maneiro, esperto, chinfreiro e não fica às cegas”

Jorge Carioca/ Marcinho / Marquinhos PQD – Versão O Rappa

Algum tempo atrás o assassinato do jornalista Tim Lopes chocou a opinião pública da cidade do Rio de Janeiro e arriscaríamos dizer de todo o Brasil. A questão colocada em evidência pelo conjunto da imprensa naquele momento foi o fato do jornalista ter sido “julgado, condenado e, logo após, executado por bandidos de uma favela do Rio”. Naquele momento não restava dúvida – como ainda hoje não resta – , foi uma trágica violação dos direitos humanos e um questionamento aberto ao Estado de direito.

Esse caso isolado, de grande repercussão, suscita algumas questões para pensarmos, nos dias de hoje, direitos humanos, qualidade de vida e saúde numa cidade como o Rio de Janeiro. Foi Tim Lopes o primeiro ou o último cidadão a morrer nessas condições? Será que o Estado pratica e garante respeito às prerrogativas básicas dos direitos humanos? Como isso funciona no caso específico da população pobre e jovem? Essas três perguntas irão contribuir para a estruturação de nossos argumentos construídos a partir de vivências nas comunidades.\*

A maioria dos moradores das favelas do Rio de Janeiro e profissionais que lá trabalham não precisaram conhecer o caso Tim Lopes para saber das atrocidades praticadas contra os direitos humanos na nossa cidade. Vale o relato de três exemplos ocorridos na área do chamado Complexo da Maré, um conjunto de bairros populares e favelas situado entre a Baía de Guanabara e a Avenida Brasil. O primeiro, antes da execução do referido jornalista, conta a história de um jovem morador que, ao visitar outra comunidade do mesmo conjunto de favelas, estava, digamos assim, no lugar errado com as roupas erradas. Isto é, pelo simples fato de estar vestido com roupas cujas marcas, simbolicamente, são atribuídas ao “comando” rival, imediatamente o rapaz foi identificado como um inimigo, um estranho no ninho. O resultado foi que este jovem sofreu por parte dos foras-da-lei – muito provavelmente jovens como ele – mutilações em mais de uma parte do seu corpo. O segundo exemplo, posterior ao caso Tim

Lopes, aconteceu novamente com outro homem jovem que, flagrado pela polícia em atividade ilícita, foi capturado e logo em seguida levado para um prédio onde os agentes da lei lhe deram a sentença de morte e o executaram. O último exemplo aconteceu durante um campeonato comunitário de futebol masculino, quando mais de uma equipe teve que abandonar a competição antes do seu encerramento. Isso porque facções anteriormente aliadas passaram a disputar o controle dos pontos de venda de drogas nas imediações do campo de futebol, inaugurando uma nova fronteira de risco. Estes três relatos não se tornaram notícia de imprensa, mas são situações cotidianas nos bairros populares e favelas, e a esses casos juntam-se outros que permanecem no anonimato.

Considerando esses exemplos ocorridos na Maré como uma pequena amostra do cotidiano vivido pelos moradores de bairros populares e favelas do Rio, podemos supor que a universalidade proposta pela Carta de Direitos Humanos ainda enfrenta dificuldades para chegar até os pobres. O grau de violência que incide sobre a população de baixa renda é maior que no resto da cidade, porém os moradores dessas comunidades não são igualmente atingidos porque existe uma estratificação social entre eles e, além desses estratos, há diferenciações que criam situações específicas para os jovens e para os adultos, para os homens e para as mulheres e também para os negros e para os brancos na hora de fazer valer a cidadania.

Os casos relatados sugerem, portando, que o direito de ir e vir é exercido pelas pessoas de maneira desigual. Nas favelas e bairros populares, se essas pessoas são homens, jovens e negras as coisas só pioram. Isso não significa dizer que as mulheres, os adultos, os brancos e os que gozam de melhores condições financeiras não estejam também correndo riscos. De todo modo, os homens jovens, negros e pobres carregam o estigma de serem uma potencial ameaça e, também por isso, estão mais vulneráveis ao cerceamento do direito de ir e vir. Seria interessante, por exemplo, verificar as estatísticas – se elas existirem – de quem está sendo abordado nas “blitz” da polícia espalhadas por toda a cidade. Não será surpresa nenhuma se os números apontarem que na maioria das vezes são os jovens, os homens e os negros os mais visados.

Soma-se a isso outra questão: nas áreas onde existem “divisas” impostas por poderes não oficiais são estes segmentos da população os que mais sofrem. Embora invisíveis e arbitrárias, essas barreiras definem onde, quando e quem pode atravessá-las. Diante disso e tomados pelo medo, os jovens não circulam espontaneamente, mas elaboram trajetos mais trabalhosos para os destinos de sempre, abandonam campeonatos ou, então, acabam por tolher suas relações com amigos(as), namorados(as) e parentes que eventualmente residam do outro lado das “divisas”. Com isso, um clima de terror é internalizado, e mesmo que não haja qualquer evidência clara de perigo, faz com que determinadas regras sejam seguidas por todos, apesar de absurdas do ponto de vista dos direitos humanos.

Estamos falando de um sentimento de vulnerabilidade que introduz nas pessoas o medo, a desconfiança e, por consequência, uma atitude de auto-vigilância. Seria algo parecido com o mecanismo panóptico que Foucault nos apresenta no seu *Vigiar e Punir*. O panóptico é um sistema de vigilância e controle dado pela internalização de um sentimento de vulnerabilidade diante de um observador que, por não ser identificado quando e onde está a serviço, gera uma atitude de auto-regulação nos observados. O panóptico é um laboratório de poder eficiente e funcional.

Segundo este autor o mecanismo pode servir para diversas instituições, entre as quais prisões, fábricas, hospitais, escolas. Cada uma dessas aplicações valeria para objetivos específicos, no caso, submeter o prisioneiro à disciplina, o operário a uma maior produtividade e assim por diante. Nesse sentido, o panóptico é um instrumento ordenador.

Arriscaríamos dizer que na nossa cidade estão presentes elementos panópticos de controle, ainda que não reconhecidos como tais. São avisos com os dizeres “Sorria, você está sendo filmado!” indicando a presença de circuitos de gravação; ou então olheiros espalhados pelas lajes das casas nas comunidades “divididas”. Consequentemente o ato de ir e vir passa a ser cuidadosamente calculado. Essa cautela, já impregnada nas pessoas, surge da sensação – às vezes exagerada, às vezes verdadeira – de estarem sendo vigiadas o tempo todo. Na dúvida parece ser melhor a auto-regulação, o não atrevimento. Assim, sutilmente ou de forma trágica,

as pessoas aprendem a agir segundo um código de poder que estabelece regras e limites.

Contudo, se por um lado o narcotráfico representa, em muitos lugares, um elemento que limita o exercício de alguns direitos, por outro, ele é a ferramenta mais rápida para se alcançar certas demandas. Estas, por sua vez, não são relacionadas apenas a questões de primeira necessidade, como ter o que comer ou ter onde dormir. São muitas vezes apelos por justiça. Por mais arbitrário e ilegal que seja é nesse “tribunal de rua” que várias pessoas resolvem seus anseios.

Portanto os bandidos ocasionalmente podem ser solicitados para resolver conflitos entre os moradores. Mas, se a violência cruel das facções armadas impede os direitos civis – o de ir e vir, por exemplo –, a violência da polícia contra os cidadãos pobres nega o próprio Estado de Direito (PANDOLFI, 1999). O Estado detém o monopólio do uso da violência por meio da polícia, porém, quando ela não prende mas tortura, quando mata ao invés de defender, ocorre um claro abuso dos direitos. Neste sentido, polícia e bandidos fazem valer o “tribunal de rua”, uma vez que julgam, condenam e executam suas sentenças de forma sumária e privatizada.

A maioria das comunidades da Maré possui água, esgoto e coleta de lixo, e a maioria de suas casas são de alvenaria. Mesmo que estes serviços urbanos não tenham qualidade satisfatória, convém lembrar que grande parte das pequenas cidades brasileiras não possuem essa infraestrutura. Então por quê, no imaginário carioca, a Maré é uma imensa favela? Por que não chamá-la de bairro popular? Para esse imaginário a favela é o lugar da carência, da falta, do vazio; e os seus moradores são o “bode expiatório” para os problemas da cidade (ZALUAR e ALVITO, 1998); ou seja, uma vez favela, sempre favela.

Essa imagem de ‘favela’, historicamente construída pela classe dominante, diluída em todas as instituições brasileiras e difundida pela mídia, nada mais é do que uma seqüela do pensamento e sentimento escravista. Permanece um preconceito elitista contra os lugares onde residem as classes trabalhadoras. Dois versos da poesia intitulada Na Casa da Madame, da poeta Jovelina Jô, ex-empregada doméstica e ex-moradora da Maré, ilustram bem esse sentimento:

“Da seiva da minha escravidão privada  
Nutre-se a sua liberdade pública”.

Certamente esse imaginário preconceituoso é reproduzido e atualizado principalmente pela grande imprensa nos dias atuais, que é a porta-voz dos sentimentos da elite. A essa mídia não interessa mostrar o imenso esforço empreendido pelas pessoas dessas comunidades no intuito de suprir os efeitos da ausência do Estado. Esforço que é motivado pela necessidade, mas também, e principalmente, por valores humanos superiores, como a solidariedade, acrescida de uma grande capacidade associativa. São famílias que empreendem uma luta incansável contra a falta de perspectiva para os seus jovens.

Na Maré a capacidade de organização das pessoas é denotada em um estudo de MARTELETO (1999). É grande o número de pequenas organizações sociais em torno de temas específicos como saúde, moradia, gênero e cultura. Essas organizações costumam ser duradouras, reproduzindo-se nas pequenas formas de se relacionar; e mesmo as mais efêmeras quase sempre ressurgem de modos diferentes.

Por último disseminou-se a idéia de “redes sociais” (ELIAS, 1994), um avanço na capacidade organizativa das comunidades da Maré e outras favelas do Rio, promovida pela constante interação ou reticularidade social.

Embora a classe média continue pensando o morador da favela como o “coitado”, o “carente”, o que nada tem e precisa ser assistido, ou em outro extremo, o “bandido”, o “perigoso” que ameaça o resto da sociedade e por isso precisa ser eliminado, uma observação mais atenta aponta para uma realidade bem diferente. Os moradores desses espaços se negam a aceitá-la como um lugar separado, à margem, e lutam dia-a-dia por fazer valer a cidadania a que têm direito. Surgem assim diversos grupos, organizações e movimentos que procuram alterar essa realidade e exigir do Estado que assuma efetivamente a favela como parte integrante da cidade



e se faça presente em todas as instâncias.

Este é o caso do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Essa Organização não-Governamental vem, desde 1997, realizando trabalhos em toda a região da Maré, numa luta constante por instauração de políticas públicas e garantia da cidadania da população local.

Ao contrário da mídia oficial, que apenas faz reforçar esse imaginário historicamente construído da favela, o jornal “O Cidadão” – editado pelo CEASM e distribuído gratuitamente por toda Maré – traz notícias sobre o cotidiano da comunidade, e mostra, de maneira bem interessante, o que o resto da cidade se nega a enxergar: uma comunidade alegre, eclética, que tem problemas como qualquer outro lugar, mas onde novas experiências e possibilidades são criadas a cada dia.

A fim de resolver os principais problemas da juventude local, a Rede Maré Jovem reúne jovens de diversas instituições e comunidades da Maré. Esta rede surgiu com a proposta de conhecer e articular as instituições que trabalham com e para os jovens da Maré, num trabalho conjunto de debate e mobilização, visando a melhoria na qualidade de vida – presente e futura – da juventude local. Como o problema da livre circulação por diferentes espaços – conforme já apontado anteriormente – é um problema sentido com mais intensidade pelos jovens, a Rede Maré Jovem tornou esta uma das suas bandeiras de luta, organizando-se para que a juventude mareense possa circular livremente por toda Maré. Este objetivo norteia inclusive a dinâmica de suas reuniões, que se dá de forma itinerante pelas diversas comunidades do bairro.

O CEASM, o jornal O Cidadão e a Rede Maré Jovem, são apenas três exemplos de luta por garantia e prática dos direitos humanos no Bairro. A esses somam-se diversos grupos que, muitas vezes pontualmente, negam-se a aceitar o lugar de diferentes, marginal, excluído.

Assim, vemos que temas como juventude, saúde e a liberdade de ir e vir há muito estão recebendo a devida atenção pelos moradores das comunidades. É estranho que o “resto da cidade” não perceba a necessidade de inserir a favela no contexto de cidadania do Rio de Janeiro e superar o imaginário da cidade partida.

#### Bibliografia:

- CENTRO de Estudos, Cultura e Cidadania (SC): Qualidade de vida e Cidadania: indicadores da qualidade de vida em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Editora Vozes, Petrópolis, 1986
- MARTELETO, R.M. Cultura, Espaço e Textualidade: Relações Intercampos, Rede Sociais e Novas Configurações Comunicacionais/ Informativas. Relatório final de pesquisa enviado ao CNPQ, 1999.
- MESQUITA NETO, P: Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. In: PANDOLFI, D.C. (org). Cidadania, Justiça e Violência. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- SOUZA E SILVA, Jailson de. Por que uns e não outros – caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro, Sette Letras: 2003.
- ZALUAR, A.(org): Um século de Favela. Rio de Janeiro: Edit. Fundação Getúlio Vargas, 1998.





## Favela na mídia

O Globo

### Uma bomba-relógio

#### Relatório da ONU prevê que dois bilhões de pessoas viverão em favelas em 2030

16.10.2003

O número de pessoas vivendo em favelas vai dobrar até 2030, chegando a dois bilhões de pessoas, em consequência da urbanização acelerada e do aumento da pobreza, afirmou o relatório do Programa de Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU-Habitat) "O desafio das favelas", divulgado ontem, para marcar o Dia Mundial do Habitat. Segundo o ONU-Habitat, com sede em Nairóbi (Quênia), um sexto da população mundial — ou 924 milhões de pessoas — vive em favelas. Na introdução ao relatório, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, lembrou que a população pobre está se movendo do interior para a cidade, um processo chamado "urbanização da pobreza".

— Até 2050 estimamos que a população mundial seja de nove bilhões de pessoas, seis bilhões das quais viverão nas cidades. Destas, 3,5 bilhões (38%) estarão vivendo em favelas se não fizermos alguma coisa radical para resolver esse problema — disse a diretora-executiva do ONU-Habitat, Anna Tibaijuka.

O diretor de Análises de Políticas do ONU-Habitat, Naison Mutizwa-Mangiza, resumiu o problema:

— É uma bomba-relógio.

Apesar de o crescimento acelerado das favelas ser evidente, o relatório ressalta que há pouco ou nenhum planejamento para acomodar a população que se desloca para as cidades em busca de uma vida melhor. A falta de habitação, água, saneamento e emprego abrem caminho para a explosão da criminalidade.

#### Cidades podem se tornar inabitáveis

Anna criticou, no relatório, a apatia e falta de vontade política dos governos para resolver a questão da pobreza urbana. E lembrou que a extrema pobreza leva a comportamentos anti-sociais, o que faz disso um problema global.

Mutizwa-Mangiza lembrou que o trabalho informal é extremamente importante para melhorar a renda dos habitantes das favelas e deve ser encorajado. E ressaltou que uma medida importante para lidar com o problema das favelas é encarar seus moradores como parte da solução, não do problema.

— É a primeira vez que fazemos um relatório enfocando favelas. Antes, os levantamentos abordavam as cidades como um todo. O assentamento precário é um problema em todos os países e tem crescido mais do que as cidades. Se continuar nesse ritmo, as cidades ficarão inabitáveis em 15 anos, devido à violência e à precariedade — disse Alberto Paranhos, principal representante do ONU-Habitat no Rio.

O relatório do organismo faz um apelo para que se trate do problema do desemprego entre os

habitantes das favelas e da população urbana pobre em geral:

“As políticas para as favelas devem estar integradas com políticas de redução da pobreza urbana mais amplas, focadas nas pessoas, que lidem com aspectos como emprego e renda, abrigo, comida, saúde, educação e acesso a infra-estrutura e serviços urbanos básicos”.

— Os assentamentos têm as mesmas características de precariedade em todo o mundo. O que muda são as habitações. No Hemisfério Norte, por exemplo, esses assentamentos surgem em construções velhas e abandonadas. Já no Rio de Janeiro, as favelas surgem em áreas novas, que ainda não eram habitadas — disse Paranhos.

O relatório do ONU-Habitat elogiou o programa Favela-Bairro, do Rio, considerado um exemplo em política habitacional. Segundo o organismo, “a continuidade do programa vai permitir a melhoria de alguns aspectos de gerenciamento e estrutura, consolidando a idéia-chave de integração entre as áreas de exclusão social e as aglomerações formais da cidade”. Mas o relatório observa que a segregação entre áreas ricas e pobres é, hoje, uma característica da cidade.

A diretora do ONU-Habitat esteve no Rio ontem, nas comemorações do Dia Mundial do Hábitat, cujo tema foi “Água e saneamento nas cidades”, com a presença do ministro das Cidades, Olívio Dutra. Segundo Anna, o problema da água na América Latina não é de escassez, como em outras partes do mundo, mas de má administração de recursos e falta de vontade política.

— Eu acredito ser necessário investimento público, mas também da comunidade e do setor privado — disse a diretora do ONU-Habitat.

COLABOROU Fabio Nascimento



Varal de letras

Opinião

## Meios de comunicação e espaços populares

**Coordenador do Observatório de Favelas escreve para o site do Ibase sobre o tratamento concedido aos pobres na grande mídia**

Jailson de Souza e Silva 14.07.2004

Uma capa da revista Veja me acompanha há anos: ao lado da manchete "A periferia cerca a cidade", a imagem na qual construções de alvenaria, em cor escura – remetendo à visão de formigas saúvas em movimento –, vão devorando prédios brancos e limpos. O exemplo é ilustrativo do temor, atávico em amplos setores sociais do Rio de Janeiro e de outras metrópoles, de que o morro desça e a cidade seja dominada pelo caos.

O conflito entre traficantes de drogas, denominado pela imprensa como "Guerra da Rocinha", ocorrido no Rio de Janeiro em abril/2004, corrobora esta assertiva: em primeiro lugar, a morte de uma motorista que passava de carro na ocasião do conflito teve muito mais destaque e desdobramento do que a morte de outras duas pessoas, na mesma ocasião. A diferença é que ambas moravam na própria Rocinha.

Além disso, um conjunto expressivo de articulistas e leitores expressou clara postura de criminalização dos moradores da favela, localizada no espaço mais valorizado da cidade, pela violência entre os grupos traficantes. Eles reivindicavam o "direito de ir e vir" dos moradores da "cidade" – território no qual não se inclui a favela – e questionavam o direito de existência da comunidade popular no local onde se constituiu há mais de 70 anos.

Situações como essas são exemplares do papel que a grande mídia tem exercido no sentido de instituir/reproduzir uma determinada representação dos espaços populares. A lógica pressuposta que caracteriza, de forma consciente ou não, a percepção dos setores sociais hegemônicos nos grandes meios de comunicação é de que o direito ao exercício da cidadania não é inerente ao nascimento do indivíduo no Estado-nação, conforme define a Constituição brasileira.

O reconhecimento da cidadania é relativizado de acordo com a cor da pele, o nível de escolaridade, a faixa salarial e/ou o espaço de moradia dos residentes na cidade. O juízo se expressa, de forma particular, no menor ou maior grau de tolerância com as diferentes manifestações de violência, de acordo com o alvo da agressão e não com o ato em si.

Um outro exemplo do tratamento concedido aos pobres na grande mídia, em particular aos jovens, é bem expresso pelo trecho de uma reportagem do principal jornal carioca:

Principal alvo da violência urbana, jovens de comunidades carentes começam a encontrar em escolas dos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco a oportunidade de se afastar das drogas e do crime (O Globo, 08/04/01).

O juízo subjacente à citação é de que todos os jovens da periferia são potencialmente criminosos e, por isso, precisariam ter o seu tempo ocupado – sem importar muito como – a fim de não seguirem o caminho da criminalidade. O fato de existirem tão poucas pessoas, proporcionalmente falando, envolvidas com atos criminosos no Rio de Janeiro – considerando-se as precárias condições de vida da população, historicamente – não é levado em conta na

afirmação do discurso.

A estereotipia dos espaços favelados se faz presente não só na forma conservadora acima apontada como em uma forma pretensamente progressista. Na primeira forma, os moradores aparecem como criminosos em potencial e/ou como colaboradores de forças criminosas.

Na representação progressista, os residentes em favelas, há algumas décadas, eram identificados por alguns setores sociais como bons favelados. O juízo estabelecia uma analogia com a visão romântica do bom selvagem, símbolo antimoderno de uma cidade racional e individualista. Embora essa idealização ainda se faça presente, tornou-se mais comum, dentre os que assumem a perspectiva identificada como progressista, sua identificação como vítimas passivas – e intrinsecamente infelizes – de uma estrutura social injusta.

O que essas práticas expressam, na verdade, é a (re)afirmação de uma lógica individualizada no processo de resolução das demandas sociais, postura que dificulta a superação das dificuldades cotidianas presentes nos espaços populares. A justificativa social de atos criminosos e/ou que violam os direitos da coletividade sustenta-se, também, em uma visão monolítica das práticas afirmadas nos espaços populares, desconhecendo-se as múltiplas redes sociais neles presentes. Assim, a estereotipia progressista revela-se incapaz de oferecer alternativas ao discurso conservador, e é tão discriminatória quanto este.

Sustentadas nesses tipos de representação, as intervenções institucionais encaminhadas nas favelas, em sua maioria – tanto do poder público como das acadêmicas –, caracterizaram-se pela ignorância e/ou idealização das estratégias, criativas, complexas e heterogêneas, efetivadas pelos atores locais no sentido de melhorarem sua qualidade de vida.

As intervenções, em geral, desconhecaram – ou mitificaram – os mecanismos de sociabilidade; de circulação na sociedade formal; de intervenção na vida pública; de compreensão das relações sociais, nos seus mais variados níveis; e, para não ser exaustivo, de interpretação das próprias situações de (sobre)vivência que os moradores foram produzindo historicamente. E, quando o fizeram, terminaram por isolar esse lugar do espaço urbano que ele também constitui. Com isso, terminaram por se apropriar e/ou apresentar tais vivências como se os cidadãos locais, seus vizinhos, fossem nativos. A exotização foi, mais do que uma prática metodológica. Foi uma prática social.

Os dois discursos, muito comuns nos meios de comunicação, ignoram a multiplicidade e diversidade de ações objetivas encaminhadas por diferentes atores dos espaços populares no processo de enfrentamento dos limites sociais e pessoais de suas existências. Os moradores das favelas, com efeito, não analisam suas vidas apenas a partir das noções de ausência e/ou negação. Da mesma forma, não reconhecem a violência existente em seu cotidiano de modo semelhante à concebida pela maioria dos setores dominantes e médios. Eles levam em conta também os aspectos afirmativos, integrantes de sua cotidianidade.

Logo, a construção de outra representação das favelas, que possa se manifestar na mídia, faz-se necessária. Ela deve pressupor que os moradores dos espaços populares desenvolvem formas ativas e contrastantes para enfrentar suas dificuldades do dia-a-dia, de acordo com suas trajetórias pessoais e coletivas, as características socioculturais e geográficas da localidade, o peso do tráfico de drogas e a postura assumida pelos dirigentes das entidades comunitárias, dentre outras variáveis. Afinal, as pessoas inventam múltiplos mecanismos para ter uma vida cotidiana mais feliz e intensa, em um quadro de dificuldades que não é ignorado, mas enfrentado de forma criativa e, sem dúvida, muitas vezes, sofrida.

Na verdade, a superação dos evidentes limites presentes nas condições de vida dos grupos sociais populares só ocorrerá quando forem reconhecidas as múltiplas riquezas presentes em seu cotidiano. E isso só será feito no processo de constituição de uma nova hegemonia no campo dos meios de comunicação de massa. O caminho é longo, mas a caminhada já começou, há muito tempo, e continua.